

BLUMENAU

em Cadernos



	TOMO XXXIX
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU	MARÇO 1998
25 ANOS	NÚMERO 03

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Braulio Maria Schloegel

Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1998 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”
Pessoas que construíram a história de Blumenau.

Foto não identificada.

*Obs.: Caso você conheça alguém nesta foto,
informe-nos pelo fone (047) 326-6990.*

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

DIGITAÇÃO

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Pormenores sobre as minas da Nova Rússia <i>Otto Rohkohl</i>	07
Carta aos pais e parentes (21/4/1848) <i>Hermann Blumenau</i>	12
Dia 13 de março - dia do adeus <i>Grete Medeiros</i>	26
Luiz Altenburg Senior <i>Wolfgang Altenburg - Alfred Luiz Baumgarten</i>	29
Desenvolvimento sustentável e políticas públicas municipais: o caso da sub-bacia do Rio Benedito, Santa Catarina <i>Ivo Marcos Theis</i>	38
Político da equipe do Apóstolo São Paulo / Um Bertoli de raiz blumenauense <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	53
Três livros <i>Enéas Athanázio</i>	57

**Documentos
Originais**
Almanaques

**PORMENORES
SOBRE AS
MINAS DA
NOVA RÚSSIA**

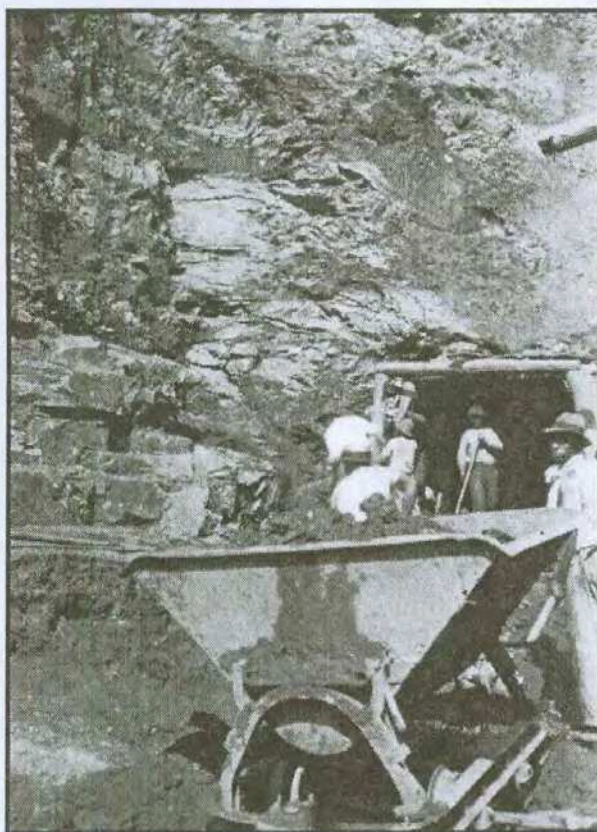
Texto:

*OTTO
ROHKOHL*

BLUMENAU
em Cadernos

O texto que reproduzimos neste espaço trata-se de um fragmento encontrado entre a documentação do Sr. Otto Rohkohl que foi diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina (1909-1912), cônsul alemão em Blumenau e diretor da Empresa Força e Luz Santa Catarina.

Neste documento, o autor e proprietário das minas da região do Garcia, registrou algumas informações referentes às avaliações dos minérios, que foram alvos de exploração por parte de uma sociedade argentina e também de empresas alemãs.



**Trabalhadores desenvolvendo
atividades de mineração no Garcia.**

Nachdem das Gelaende der argentinischen Besitzer sowie einzelne private Kolonien erworben waren, wurde nach einen fachmaenischem Gutachten Ausschau gehalten, welches von dem Bergingenieur Blumenau, dem einzigen Sohne des Gruenders von Blumenau erstaeilt wurde, der jedoch kurz danach in der Tuerkei verstarb, angeblich durch einen Unfall. Dieses Gutachten besagte, dass es sich um ein beachtliches Erzvorkomenn handele, dessen weitere Erschliessung empfehlenswert sei. Mit den erforderlichen Propektierungen wurde ein aus Deutsch-Suedwest-Afrika eingetroffener Prospektor namens Kerschbaumer beauftragt. Diese Arbeiten waren sehr schwierig und langwierig, da das ganze Gelaende sich in dichtem Urwald befand. Gegen Ende dieser Arbeiten tauchte der auch aus Deutsch-Suedwest-Afrika nach Brasilien waehrend des ersten Weltkriegs gekommene Bezirks-Geologe Dr. Heinrich Letz hier auf und fertigte ein ausfuehrliches Gutachten am, welches besagte, dass es sich um ungewoehnlich grosse Erzvorkommen handele, naemlich um einen Quarzgang von etwa 40 Meter Breite und eine Laenge von wahrscheinlich mehr als 50 Kilometer.

Dieser Quarzgang war von zahlreichen kleineren Erzgaengen durchzogen welche durch Erze von Blei, Buntkupfererz, Kupferkies, Zinkerz und verhaeltnismaessig geringen Silbererz durchzetzt waren, stellenweise mit verhaeltnismaessig hohem Erzgehalt, teilweise mit aermere Prozentagen. Nach dem ersten Weltkriege kam im Auftrage der grossen deutschen Erzfirma Stinnes der Bergingenieur Dr. Vogel hierher, um das Erzverkommen zu besichtigen. Sein Bericht ist nicht bekannt geworden, aber er baute sich ein eigenes Haus im Bezirk Garcia und beschloss hier zu bleiben. Die Firma Stinnes geriet kurz darauf in die allgemeine Kohlenkrise in Deutschland und der Senior-Chef starb. Sein Vertrauensmann hier Dr. Vogel wurde von Depressionen befallen und starb auch bald darauf.

Die noch eine Zeitlang durchgefuehrten Versuchsarbeiten ergaben zwar technisch hochwertige Bleibarren, aber gleichzeitig die Erkenntnis, dass nur ein Gross-Unternehmen zur gleichzeitigen Ausbeute der verschiedenen Erzarten: Kupfer, Blei, Zink, Silber und Schwefelkies durchfuehren koenne, was damals von hieraus nicht moeglich war.

Depois de ter adquirido o terreno dos proprietários argentinos e mais algumas “colônias” de particulares, impôs-se a necessidade de um parecer.

Este foi elaborado pelo engenheiro de minas Blumenau, o único filho homem do fundador de Blumenau, que faleceu pouco depois (1917), vítima de um acidente na Turquia.

O parecer enunciava tratar-se de uma jazida de considerável volume, cuja prospeção e exploração era recomendável.

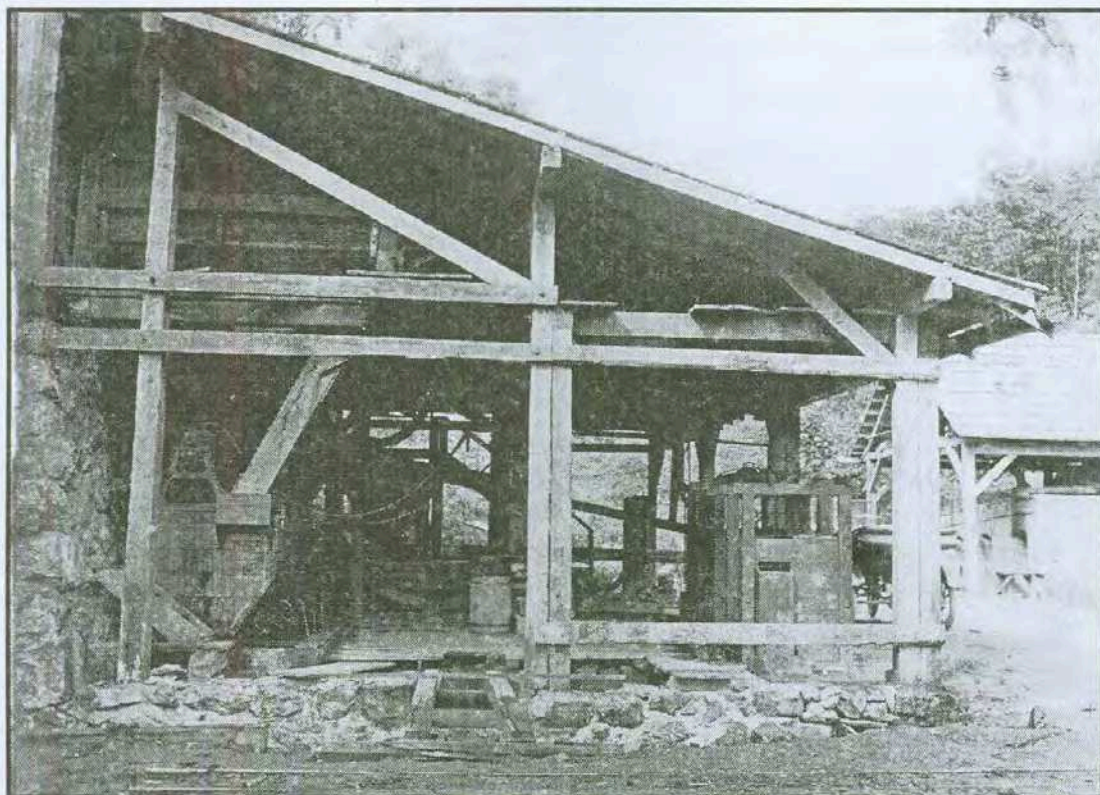
Um prospector recém chegado da Colônia Alemã do Sudoeste da África (Deutsch -Suedwest - Afrika), de nome Kerschbauer foi encarregado deste serviço.



Instalações das minas de chumbo e prata do Garcia

Waehrend des zweiten Weltkriegs wurde das ganze Unternehmen liquidiert.

Vertraulich: Im Jahre 1937 musste ich krankheitsshalber nach Deutschland reisen und wurde dort von zweite Weltkrieg ueberrascht. Erst im Jahre 1949 konnte ich mit freundlicher Unterstuetzung der brasilianischen Militarkommissionin Berlin nach Blumenau zurueckkehrem und erfuhr hier, dass dies Erz-Unternehmen waehrend des 2. Weltkriegs ohne mein Wissen und ohne meine Zustimmung liquidiert worden war. Naehere Einzelheiten habe ich nie erfahren um habe mich auch nicht darum gekuemmert, da ich genuegend andere Sorgen zu ueberwinden hatte.



**Interior das instalações do barracão de exploração das
Minas de Prata**

Os trabalhos foram difíceis e demorados, pois toda a área estava coberta por uma densa floresta.

No fim deste trabalho veio da Colônia Suedoeste da África o geólogo distrital Dr. Heinrich Lotz, que aqui preparou um parecer minucioso, o qual dizia tratar-se de uma jazida de tamanho descomunal, formada por um veio de quartzo de aproximadamente 40 metros de largura e mais de 50 km de extensão.

Este veio continha numerosas concentrações de minério de chumbo, cobre e zinco, combinados com enxofre e relativamente pouco minério de prata, sendo que em alguns pontos o teor metálico era muito alto.

Depois da primeira guerra mundial, enviado pela grande firma alemã Stinnes (especializada em exploração e comércio de minério), veio o engenheiro de minas Dr. Vogel, a fim de examinar as jazidas de minério.

Não tomei conhecimento do seu relatório, mas ele construiu uma casa própria neste distrito Garcia, e resolveu permanecer por aqui. Pouco tempo depois a firma Stinnes foi atingida pela crise geral do carvão de pedra na Alemanha, falecendo também o chefe sênior. O Dr. Vogel, que era pessoa de confiança de Stinnes, foi acometido de depressões e também veio a falecer pouco tempo depois.

Os trabalhos experimentais efetuados aqui, produziam barra de chumbo de alto valor técnico e vários minérios como: cobre, chumbo, zinco, prata e sulfeto de chumbo, cujo beneficiamento aqui não era possível.

O empreendimento foi liquidado durante a Segunda Guerra Mundial.

Confidencial: Por motivos de doença, tive que viajar para a Alemanha no ano de 1937. Surpreendido pela Segunda Guerra Mundial, somente consegui retornar a Blumenau no ano de 1949, com o amável auxílio da Missão Militar Brasileira em Berlim.

Soube aqui, que durante a Segunda Guerra o empreendimento foi liquidado sem o meu conhecimento e aprovação. Nunca soube outros detalhes e também não me interessei por eles, pois estava completamente tomado por outras preocupações.

**Blumenau
rumo ao
Sesquicente-
nário de
Fundação**

**Carta
aos pais e
parentes
(21/4/1848)**

Texto:

*DR. HERMANN
BRUNO OTTO
BLUMENAU**

Estamos nos aproximando do ano 2000, quando então comemoraremos os 150 anos de fundação da Colônia Blumenau.

A Revista "Blumenau em Cadernos" se integra a estas comemorações, com a abertura da seção "Blumenau rumo ao Sesquicentenário de Fundação".

Iniciamos com uma série de correspondências emitidas pelo Dr. Blumenau aos seus familiares, entre os períodos de 1846 - 1850.

Estas correspondências foram copiadas dos originais em 1939, pelo Sr. Theo Kleine, que visitou a filha do Dr. Blumenau, Sra. Gertrud Blumenau Sierich, cuja residência ficava em Hamburgo.

Durante a 2ª. Guerra Mundial os originais foram destruídos, ficando apenas a cópia feita pelo Sr. Kleine.

Na transcrição dos mesmos, foram omitidos alguns trechos das cartas e por isso algumas lacunas serão notadas.

Em 1978, Karl Fouquet editou a obra intitulada "Doktor Blumenau", na qual publicou estas correspondências escritas em alemão. Em função disso, procuramos traduzi-las para que mais pessoas tenham acesso a essas fontes documentais.

* Natural da Alemanha (Braunschweig), fundou a Colônia Blumenau em 02/9/1850.

Tradução: **Curt W. Hennings** - 1998.

Desterro, 21 de abril de 1848.

Meus queridos pais e parentes.

Decorreram hoje quatro meses que escrevi pela última vez para o cunhado Julius, agradecendo-lhe pelo empréstimo de quatrocentos Talers e informando-o da viagem para a capital da Província de Santa Catarina, com a finalidade de inspecionar terras para a Companhia Hamburguesa.

Cheguei aqui no primeiro dia de Natal¹. No dia anterior à chegada, tivemos como presente de Natal um temporal violento que sacudiu fortemente o vapor. Desde a minha chegada, desenvolvi grande atividade e tive péssimas experiências.

Já devia ter escrito há mais tempo, mas, como todos os meus negócios estavam pendentes e estive ocupado e muito atribulado, não dispus de tempo e disposição. Pretendia também comunicar algo definido sobre meus negócios. Estou agora na expectativa da partida de um vapor para o Rio de Janeiro. Esta carta que inicio, continuarei quando o vapor chegar.

Como tenho muitas novidades para contar, vou começar por aquelas de menor importância e contar o que tenho feito, antes de abordar os assuntos principais.

Após a chegada aqui, apresentei-me ao presidente da Província do qual recebi um convite para almoçar com ele.

Como Hackradt havia partido dez semanas antes de mim do Rio de Janeiro, estava aqui me aguardando. Partimos de navio para a barra do rio Tijucas, onde residem alguns alemães e de lá seguimos, por terra, para o rio Itajaí. Subimos o mesmo com uma canoa, até o local onde pretendíamos comprar terras. Estive lá pela primeira vez. Hackradt já conhecia aquelas terras. Concluímos que o lugar era apropriado para os nossos planos.

O rio é profundo, corre mansamente e as terras nas suas margens são as melhores da Província. Pela primeira vez vi a grande cachoeira (Salto) a qual Hackradt havia me falado e nela nos separamos. Hackradt desceu o rio até o acampamento na margem do ribeirão da Velha, para negociar contratos de compra de terras e eu, acompanhado de um alemão e um brasileiro, subi o rio a fim de explorá-lo até onde fosse possível. O Salto

¹ N.T.: 25/12/1847.

forma uma cachoeira muito larga, medindo 300 a 400 passos², intercalada por escolhos e tem uma queda de 20 a 30 pés³. Não é possível abranger toda a cachoeira devido à floresta existente em volta. O nível do rio estava baixo e a paisagem não era nem grandiosa, nem bonita. No lado direito do rio corre um forte braço que se precipita por um canal encravado nas rochas, numa distância de 200 a 300 passos⁴. A cachoeira tem um aspecto assustador e selvagem.

As rochas são negras e lisas como se fossem polidas. Os lados do canal são carcomidos e contrastam com a espuma branca da correnteza. Mais abaixo, o canal se alarga. Dizem que a força do rio é tamanha que grossos troncos de cedro que descem pela cachoeira despedaçam-se. As rochas formam um parapeito, impossibilitando chegar perto da cachoeira. Nesta cachoeira desvaneceu-se uma ilusão. A instalação de moinhos só é viável com muito custo e trabalho, pois com a chuva, o nível do rio sobe muito, chegando às vezes a elevar-se até 24 pés⁵ em três dias.

A base do solo é formada por duras rochas cobertas com fina camada de terra. As margens adjacentes do Salto são altas e somente com muito trabalho pode ser escavado um canal para desviar a água, sendo necessário construir um forte tapume protetor devido às enchentes. Feito isto, haveria água e desnível para a produção de energia, o equivalente a alguns milhares de cavalos vapor.

O rio deve ter um volume de água maior do que o rio Saale e numa distância de três quartos de hora⁶ poder-se-ia montar um moinho seguido de outro, pois a diferença de nível do rio continua por meia hora⁷ formando pequenas corredeiras e cachoeiras. Vi meu plano preconcebido frustrado, deveria mudá-lo, mas resolvi mantê-lo.

Partindo do Salto, subimos pelo rio. Foi uma viagem penosa e fatigante. Cheguei à decepcionante conclusão de que o rio acima do Salto é navegável somente em alguns trechos por canoas pequenas. As terras das margens nada deixam a desejar quanto à sua fertilidade e prestam-se para a colonização.

² N.T.: 240 a 320 metros.

³ N.T.: 6 a 9 metros.

⁴ N.T.: 160 a 240 metros.

⁵ N.T.: 7.20 metros.

⁶ N.T.: medida de distância.

⁷ N.T.: idem.

À medida que subimos o rio, a qualidade das mesmas melhorou e nas margens dos rios Benedito e Cedros vi uma bela mata virgem como nunca tinha visto. As árvores são gigantescas, os cipós, os bambus e as flores vermelhas, amarelas, azuis e violetas nas margens das águas calmas debruçam-se sobre o rio formando arcadas. O silêncio somente era interrompido pelo gralhado de numerosos jacus e jacutingas, que assustados, voavam.

A paisagem é majestosa e indescritível, o ar é ameno, perfumado, o céu de um lindo azul. Passei dois dias maravilhosos nesta solidão, distante da civilização, e onde nenhum ser civilizado havia chegado antes de mim. A viagem foi cheia de sacrifícios. Senti no próprio corpo o que significa viajar por águas desconhecidas na floresta virgem. O calor sufocante castigou-me na estreita canoa, na qual mal podíamos nos mexer. Éramos três pessoas, dois cachorros, mantimentos, material de cozinha, bagagem, espingardas etc., num tronco escavado medindo aproximadamente 28 polegadas⁸ de boca e 12 a 14 pés⁹ de comprimento. Apesar dos sacrifícios, estive sempre bem disposto. Já no primeiro dia o sol forte queimou meus braços, que doíam e incharam. Mais tarde a pele desprendeuse, e hoje, passados três meses ainda conserva sua cor morena que provavelmente se manterá.

Num dia, no espaço de duas horas e meia abatemos cinco jacutingas e um grande porco do mato que nos proporcionaram saborosos assados. Alimentamo-nos da carne do porco durante os oito dias seguintes. Os braços ardiam como fogo e continuaram doendo, mas mesmo assim apreciei a viagem.

O rio em certos trechos é manso, tem bancos de areia e noutros tem cachoeiras, escolhos e corredeiras que vencemos com muito esforço e retardaram o nosso avanço. Os remadores, muitas vezes com água até o peito, tinham que puxar ou empurrar a canoa. Tive que ajudá-los, pois a mesma era pesada demais para duas pessoas. No segundo dia de viagem rasguei minhas botas e freqüentemente andei com a água até as cochas. Como não estava acostumado, foi desagradável. As pedras eram escorregadias e cambaleei como um bêbado. Algumas vezes tivemos que descarregar completamente a canoa e arrastá-la por cima das pedras, o que era moroso e foi desagradável, sob uma temperatura de 25° R¹⁰. As mordidas de mosqui-

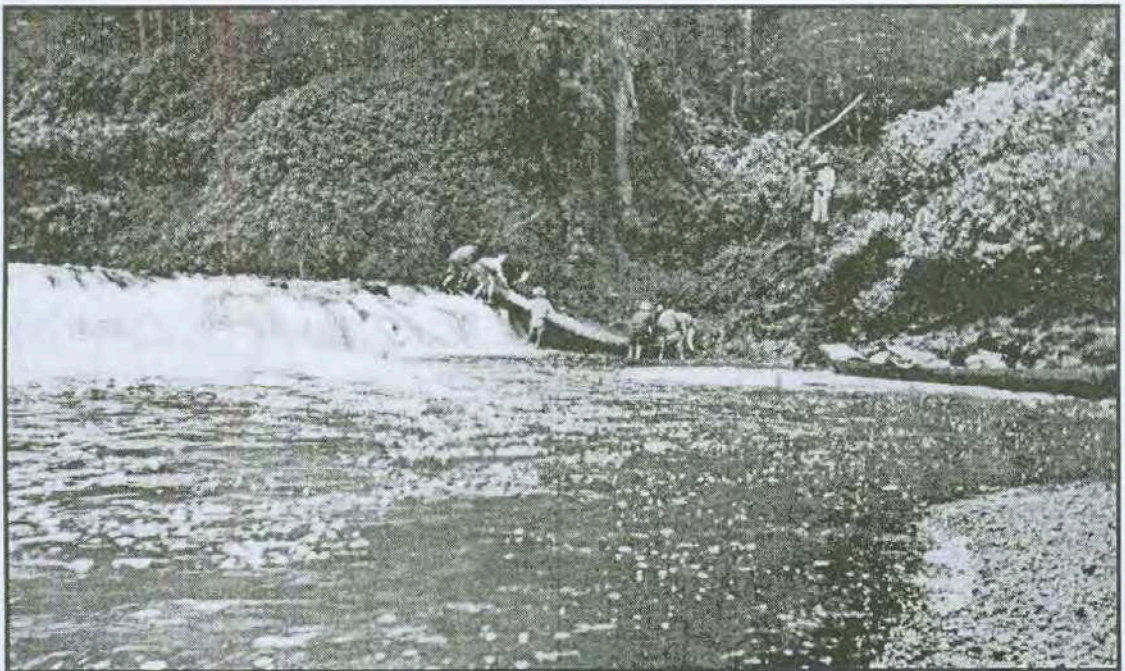
⁸ N.T.: 70 cm

⁹ N.T.: 3,60 a 4,25 m

¹⁰ N.T.: 31° C.

tos e formigas causaram uma coceira nas pernas que me roubou o sono. Em síntese, não foi nada agradável. Se meu canoieiro brasileiro não tivesse sido medroso, subiríamos o rio ainda mais. Se eu tiver oportunidade, farei outra viagem e subirei o rio numa outra direção.

Passaram-se três meses e ainda estou maravilhado com a bela paisagem, com a solidão da floresta e a sensação que senti num lugar distante da civilização, que há milhares de anos continua intocado. Foi lindo, grandioso, fascinante e gostaria que vocês meus queridos, tivessem estado lá comigo (aliás sem privações e fadigas) e teriam ficado encantados como fiquei. Fui obrigado a retornar antes que queria. Meu remador brasileiro, um covarde, tinha medo dos selvagens, dos lugares desconhecidos e sabe Deus do que mais. Ofereci-lhe boa gratificação, mas ele não quis prosseguir e lamentavelmente tivemos que voltar. O objetivo principal nós alcançamos, apesar de não termos chegado até a saída da montanha do rio dos Cedros como pretendíamos. A serra aparentemente não era distante.



Travessia do Salto, obstáculo a ser vencido...

Tínhamos viajado durante 4 dias e 3/4 em linha reta. Devíamos estar a 5 ou 6 léguas¹¹ do Salto. Tínhamos penetrado mais que qualquer outra pessoa. Não havendo outra alternativa, retornei pesaroso e depois de dois dias e meio alcançamos o Salto. Antes de descer pelo Salto, quis caçar antas no Rio do Testo, onde as mesmas são abundantes, mas os dois cachorros foram gravemente feridos por um porco do mato que estava com um baco-rinho. Os cachorros mal podiam mover-se e tinham que permanecer na canoa.

Ao chegar no Salto, alojamo-nos na nossa cabana e foi a sorte. Durante a noite desencadeou-se uma terrível trovoadas. O nível do rio, que já estava um pouco elevado em decorrência das constantes trovoadas dos dias anteriores, subiu mais e com dificuldades conseguimos descer o Salto. A descida foi perigosa; os escolhos, antes fora da água, estavam cobertos pela espumante correnteza amarela. Um abalroamento em uma pedra poderia emborcar a canoa. Os canoieiros foram hábeis e cautelosos e somente na última corredeira a água entrou pelos dois bordos da canoa, enchendo-a em parte. Se tivéssemos ido caçar, teríamos que aguardar cinco ou seis dias até as águas do rio baixarem.

No acampamento mais abaixo reencontrei Hackradt. Assinamos um contrato definitivo de compra de terras e vários outros contratos provisórios. Todos os contratos, exceto um, estão seguros.

Em seguida, viajei para a barra do rio Tijucas, subi até o último morador que possui uma serraria, construída no alto da margem. O rio não tem o volume do Itajaí, mas as terras que o margeiam são povoadas há mais tempo, se comparadas com o Itajaí.

As terras nas margens do rio Itajaí foram desleixadas, durante longo tempo, por manobras de um especulador. Agora está havendo um progresso rápido que vem ao encontro dos nossos interesses. Nas margens de ambos os rios residem atualmente cerca de trinta famílias alemãs. Na região do rio Itajaí continuamente vêm mais famílias. Depois de estar quatro semanas ausente e ter visto muito de interessante e útil, retornei de Tijucas para o Desterro.

Estive ocupado, tratando dos interesses da Companhia Hamburguesa, conferenciei com o presidente da Província e membros da Assembléia Legislativa. A finalidade destas negociações deve-se à obtenção de

¹¹ N.T.: 33 a 40 Km.

uma concessão de extensa área de terras e benefícios para a Companhia Hamburguesa junto à Assembléia Legislativa. Esta concessão, depois de aprovada, deverá ser ratificada, caso seja necessário, pelo Congresso no Rio de Janeiro. Escrevi muitas petições, tive muito trabalho e aborrecimentos, que me deixaram doente e hipocondríaco. Aqui, tenho que lutar contra intrigas, adversidades e o ódio dos brasileiros aos estrangeiros. Os de Hamburgo também me deixaram na mão; não mandaram as instruções prometidas e nem notícias, como também não informaram que posição pretendem me dar no caso da realização do projeto. Estou profundamente decepcionado e a aversão contra os procedimentos infames dos brasileiros aumenta cada vez mais. Mas não desisto; o projeto é grandioso e relevante para a Alemanha e os alemães, por isso continuarei até onde puder enquanto houver esperança de sucesso. O procedimento dos hamburgueses foi mesquinho e continua deplorável, mas no momento não vou deixá-los. Comecei e continuo a trabalhar para eles e devo-lhes a oportunidade de ter viajado e conhecido, durante dois anos, o País.

Já consegui algo, mas ainda não está de todo assegurado, estou numa expectativa febril quanto ao seu resultado. Caso for negativo, perderei muito, porém a Sociedade Hamburguesa perderá ainda mais e, um grandioso projeto de colonização só poderá ser iniciado daqui a um ano ou mais tarde. Aqui não se consegue nada sem despender dinheiro. É preciso comprar as pessoas, de cima até embaixo. Não fui autorizado a fazê-lo, mas para dar andamento ao processo, arrisquei algumas centenas de Mil-réis do meu bolso. O efeito surtiu algum resultado e prometi mais se for bem sucedido. Eu não podia proceder de outra maneira, porém estou inquieto. Recebi da Companhia Hamburguesa a restituição dos meus gastos, faltando aproximadamente 200 Mil-réis. Se não obtiver sucesso, perderei o investido, além do meu relógio e corrente de ouro, no valor de 600 Mil-réis. Porém não vou ter um prejuízo direto, pois me ressarcirei com as despesas de viagem que me concederam. Se os hamburgueses tiverem um pouco de consideração, farão a devolução da quantia investida.

Na Câmara, o assunto provocou um espetáculo terrível e surgiram os mais variados boatos. Comenta-se que dei ao presidente da Província 6.000 Mil-réis e a um deputado a importância de 2.000 Mil-réis e que irei intermediar um casamento para a sua irmã. Tornei-me uma pessoa falada e alguns me odeiam profundamente.

Os deputados provocaram turbulentas cenas. Na Câmara, acusa-

ram-se mutuamente de patifes e a celeuma também continuou fora da Câmara. Depois de muitas lutas e intrigas o projeto foi aprovado por pequena maioria de votos, mas o presidente da Província julgou-o incompleto, devolveu-o à Câmara e está sujeito à nova discussão. Esta começou escandalosamente e o projeto pode ser reprovado porque uma parte tem inveja e desconfia da outra, suspeitando de que esta tenha recebido dinheiro. Estão em jogo o ódio e as intrigas contra os estrangeiros. A decisão será dada dentro de três ou quatro dias, e este é o motivo pelo qual estou muito inquieto.

Estou satisfeito com os meus negócios particulares. Adquirimos uma grande área de terra boa. Fizemos ótima aquisição. Possuímos dois lotes adjacentes com uma área de aproximadamente 5.400 morgos¹² na margem sul do rio Itajaí, começando um pouco acima do Salto e acompanha o rio na sua descida por "uma hora"¹³. Estas terras foram compradas de "primeira mão", não nos preocupam, pois as compramos com os papéis legalizados, evitando assim uma eventual contestação. Estes "papéis" custaram menos de 100 Mil-réis. O preço total, incluindo a medição e emolumentos foi de 1.800 Mil-réis ou pouco mais. Pagamos um sinal e temos que pagar 900\$rs, depois de 5 a 7 meses. Do Presidente da Província recebemos por doação definitiva, uma área situada nos fundos das terras mencionadas, condicionada à medição, registro e ocupação. Ocupação significa: derrubar e queimar uma parte do mato, construir uma choupana de palmitos e mandar plantar algumas bananeiras e laranjeiras. Assim a posse está assegurada. A área das terras doadas é de, aproximadamente, 15.100 morgos¹⁴. Temos, portanto, uma área total de 20.500 morgos¹⁵.

Junto ao Salto possuímos dois terrenos e mais outro com um ribeirão grande, apropriado para um moinho. Este terreno fica à distância de "um dia" e o ribeirão, em parte, é navegável com canoas. Possuímos ambas as margens, o que valoriza o terreno. Uma parte das terras é montanhosa, mas também há áreas de terras planas, onde podemos e pretendemos cultivar cana-de-açúcar.

Estabelecemos a sede do nosso empreendimento na margem do Ribeirão da Velha, próximo ao Itajaí açu, numa grande área plana, delimita-

¹² N.T.: 1.350 hectares.

¹³ N.T.: Uma hora = medida de distância.

¹⁴ N.T.: 3.775 hectares.

¹⁵ N.T.: 5.125 hectares.

da em três lados por águas. Vamos usá-la para pastagem e cultivo de cana-de-açúcar. Já escolhemos um lugar apropriado para um engenho de serra e outro para um engenho de açúcar. A floresta já foi derrubada e Hackradt está no local, a fim de supervisionar a construção da serraria e outros trabalhos. (Remeterei um esquema do Itajaí, via Hamburgo).

A segunda parcela de terras que compramos é especulação. Trata-se da quinta parte de uma gleba de aproximadamente 60.000 morgos¹⁶, situados na margem norte do rio, um pouco acima do Salto.

Estas terras foram concedidas a uma companhia de cinco pessoas que tinham a intenção de construir uma serraria. Pagamos pela quinta parte, (12.000 morgos¹⁷) 150 Mil-réis e pretendemos comprar também as 4 partes restantes. Mas os quatro sócios se negaram a vendê-las e nos propuseram comprar a nossa parte. Nós não concordamos e a negociação está parada. Temos a quinta parte e espero manobrar o restante para nossas mãos. Vou ameaçá-los com requisição para colonização, pois a rigor, a concessão deles já caducou. Se isto não der resultado e eles não cederem, vai resultar num processo. Não me envolverei neste, pois não trará resultado. Por ora instruí Hackradt a derrubar e queimar o mato no melhor lugar na margem de um ribeirão junto a embocadura no Itajaí, construir uma cabana e plantar laranjeiras e bananeiras. Feito isto, ninguém nos expulsa da terra.

Com esta, encerramos, por enquanto, as compras de terras. Mantivemos outras negociações, mas como os papéis não estavam em ordem, desistimos por ora. Não podemos dissipar nossos recursos.

Continuo a narrar sobre nosso estabelecimento. Logo após a compra das terras no Salto, contratamos pessoas para derrubar o mato no lugar onde, inicialmente, pretendíamos construir a serraria. Pessoalmente não acreditei na viabilidade da construção e sugeri que se derrubasse somente um pouco da floresta até inspecionar o local com construtores de serrarias.

Hackradt veio para Desterro com a finalidade de solicitarmos em conjunto, ao Presidente, a doação das terras. Mas antes de chegar, acompanhado de várias pessoas, escolheu no nosso acampamento um lugar para o engenho. Encontraram um lugar apropriado nas margens do Ribeirão da Velha, e uma grande área da floresta foi derrubada.

Ele teve que ficar algumas semanas aqui porque o processo de do-

¹⁶ N.T.: 24.000 hectares.

¹⁷ N.T.: 3.750 hectares.

ação é demorado. Não tinha nada a fazer junto ao rio, pois o mato derrubado ainda não estava seco para ser queimado.

Entrementes veio a carta de meu irmão Julius.

Depois de muitas ponderações, chegamos à conclusão de que, em vista dos salários altos e a incerteza em conseguirmos mão-de-obra, não podíamos continuar sem o trabalho de alguns negros. Em virtude disto, Hackradt viajou imediatamente para o Rio de Janeiro, a fim de receber o dinheiro e trazer alguns negros. Ele trouxe cinco, entre eles uma negra que cozinha, costura, lava roupa e passa ferro. Os negros, inclusive despesas da viagem, custaram-nos 2.700 Mil-réis. A compra não foi má. Nós não estávamos muito entusiasmados, mas não tivemos outra alternativa. Temos os negros e esperamos que tudo vá bem. Todos são novos, exceto um que tem 38 a 40 anos. São fortes e estão com boa saúde. Aqui cada negro custa normalmente 600 a 700 mil-réis.

Hackradt retornou há 14 dias passados e seguiu para as margens do rio, pois já era tempo de voltar. Eu estava retido aqui em Desterro e não tinha ninguém por lá. Hackradt escreveu-me que não está satisfeito com os diaristas que pedem 154\$rs e trabalham pouco. Vai melhorar, pois com os negros economizamos cada dia 4\$rs, e sob os olhos do patrão o trabalho rende mais.

Aliás, a estação do ano é imprópria para plantar. Só podíamos mandar derrubar o mato muito tarde e devido à grande seca que reina, as perspectivas de colheita de batatas e feijão preto que plantamos são ruins. Possivelmente teremos que comprar todos os mantimentos nos próximos 7 a 9 meses, e os altos preços vêm a ser uma despesa considerável, com o agravante de que tudo tem que ser trazido de longe. Também temos que pagar um preço elevado pela carne¹⁸. Encomendamos cães de caça que custam 20 a 30 Mil-réis cada. Quando tivermos estes, não precisaremos comprar carne, porque há muita caça no mato: antas, porcos do mato e outros animais. Na floresta junto a um engenho de um alemão, a aproximadamente 6 milhas daqui, às margens do Itajaí-Mirim, abateram em 11 meses, 33 antas e existem muitas varas de porcos do mato, de 50 ou mais animais, além de outras caças de pena.

O próximo trabalho importante será a construção do nosso engenho de serra. Contratamos a construção com dois norte-americanos compe-

¹⁸ N.T.: carne seca.

tentes. O engenho terá um quadro com duas lâminas¹⁹, um de cada lado da roda d'água, construído conforme o costume da terra.

Também pode-se montar quatro lâminas em cada quadro. Os construtores do engenho receberão 1.350\$rs dos quais 450\$rs correspondem aos acessórios de ferro e bronze. Todo o conjunto, galpão do engenho, casa para moradia e mato derrubado vai nos custar 3.000 a 4.000 Mil-réis. Hackradt havia avaliado o custo em 3.500\$rs, mas eu acho que em virtude do preço elevado dos mantimentos e salários, devemos calcular 4.000\$rs. Quanto a mantimentos e mão de obra, estamos em má situação, exploraramos onde podem, como o fazem com todo iniciante. Depois de estabelecidos, estamos em melhor situação. Nossos recursos financeiros são suficientes, se bem que escassos, mas com os negros economizamos muito em salários. Em breve o engenho começará a produzir. Então poderemos dispensar um bom número de diaristas que atualmente estão ocupados em cortar madeira, serrar tábuas à mão, etc.

Vocês notam que mudamos completamente nosso plano inicial e o adaptamos às condições atuais. O engenho de serra será nosso primeiro investimento e fonte de recursos para a ampliação do nosso empreendimento. Será um investimento seguro, rendoso e duradouro, e quanto à sua localização, teremos a vantagem de poder balsear os "rolos" e expedir as tábuas por ambos os lados do ribeirão. O engenho, trabalhando 12 horas, com duas lâminas, produzirá diariamente no mínimo 8 dúzias de tábuas, mas, dependendo da madeira e da quantidade de água, poderá produzir 10 ou mais dúzias. É recomendável contratar o corte dos "rolos" no mato e o transporte para a serraria por empreitada. Os tarefeiros receberão como pagamento a metade das tábuas dos troncos serrados e nós não teremos outra despesa. Restarão líquido para nós 4 dúzias de tábuas que valem 4\$rs por dúzia. Pretendemos operar a serraria com um ou dois negros. Se não der certo, teremos que empregar dois brancos, pagando a eles diariamente uma dúzia de tábuas. Sobrarão para nós, diariamente, 12\$rs. Em 300 dias serão 3.600\$rs, ou no outro caso, 4.800\$rs. Calculando com imprevistos, sobrarão 3 a 4.000 Mil-réis de lucro por ano. Se quisermos trabalhar exclusivamente com negros, necessitaremos seis a oito. Se calcularmos sete negros, estes irão custar 4.000\$rs. Necessitaremos quatro a cinco juntas de bois (bons e fortes) que custam 500\$rs, redundando um total de 4.500\$rs. Neste caso o lucro

¹⁹ N.T.: serras.

líquido diário será de 32\$rs no mínimo ou 7.600\$rs por ano. Os negros também poderão ajudar no trabalho do campo.

No futuro pretendo montar lâminas finas nos quadros e serrar tábuas finas para caixinhas de charutos e velas de sebo. Elas têm muita procura e trazem bom lucro porque se pode serrar as madeiras leves e de baixa qualidade que não têm outro uso. Paralelamente trabalharemos na agricultura e possivelmente construiremos logo uma atafona que não nos custará muito.

Somente mais tarde poderemos pensar na fabricação de açúcar e cachaça, porque o equipamento é muito caro e requer muita mão de obra.. Nos primeiros dois anos não poderemos pensar nisto. O engenho de açúcar será construído no outro lado do ribeirão defronte à serraria.

No momento necessitamos primordialmente de alimentos: mandioca, milho, feijão preto, batatas e abóboras, para a alimentação humana, "trato" para os porcos e pastagem para as vacas e os bois. Este primeiro ano, até fevereiro do próximo ano será amargo e dispendioso, mas se não houver muita falta de sorte, venceremos as dificuldades iniciais e poderemos olhar com sossego para o futuro. Teremos então alimentos suficientes para nós e poderemos criar porcos, aves etc. e teremos uma pastagem maior para os bois e uma ou mais vacas, além de verduras para a cozinha. Poderemos colher belas bananas das bananeiras que serão plantadas, e pouco necessitaremos de fora para vivermos bem.

O engenho de serra nos proporcionará os meios para ampliar o empreendimento. Se depois de seis anos ou mais, a madeira escassear e tiver que ser trazida de longe, desmontaremos a serraria e montaremos a mesma em outro local. Então se poderá usar a força d'água para outra finalidade rendosa como extração de óleo e moagem de milho. Também encontra-se fácil um comprador para o engenho ou instala-se o mesmo em outro lugar. Cremos que ele se amortizará depois de 12 a 18 meses. Um alemão que tem um engenho igual ao que planejamos, calcula amortizá-lo depois de 8 a 10 meses. Dei-lhe um esboço dos meus planos e da situação atual. Vou fazer um contrato seguro com Hackradt e comunicarei os detalhes via Hamburgo, porque toma muito espaço nesta carta. Negociei boas condições para mim, não podia conseguir ou pleitear mais, pois neste caso ele provavelmente teria me deixado na mão. Preciso dele ou de outro agricultor devido aos outros negócios que tive e continuo tendo, e não pude perder a época apropriada para começar os trabalhos. Hackradt também tinha recebido outras pro-

postas vantajosas no Rio de Janeiro.

Com a graça de Deus, espero ter encontrado um polo para meu futuro e agora posso concentrar-me nos meus negócios com calma, empenho e circunspecção. Se tivesse mais capital ou se pudesse conseguí-lo a juros suportáveis, atacaria o projeto com mais energia e ganharia mais.

Um bom descascador de arroz dá um bom lucro. Apesar do maquinário deficiente empregado aqui, rende 90 - 100% sobre o custo do arroz cru. Empregando-se um bom maquinário americano o lucro será maior. Uma embarcação também é muito rendosa e se pudesse, compraria um navio de 60 a 70 toneladas para navegação costeira. Representa um investimento de aproximadamente 6.000 Talers. Poderia, neste caso, colocar minhas tábuas e demais produtos diretamente nos grandes mercados do Rio de Janeiro, Montevideú ou Buenos Aires; economizaria, além do frete, 25 a 30% de despesas pagas aos intermediários. Mas meu lema é: "Devagar se vai ao longe". E devo estar satisfeito.

Certo é que aqui, ninguém sucumbe, a não ser o tolo ou o cego e..... vocês podem estar tranquilos quanto ao meu futuro.

Passaram-se três semanas de esforço e dissabores desde que escrevi as linhas acima, e nos últimos 10 dias tive poucos momentos felizes, mas em compensação tive aflição, pesar, dúvidas e preocupações quanto ao futuro de vocês.²⁰

Aqui também estou profundamente humilhado no túmulo das minhas esperanças e dos grandes planos de uma colonização em grande escala pela Sociedade Hamburguesa. Minha proposta foi rejeitada pela Assembléia porque não dispunha de dinheiro para subornar as pessoas influentes.

Fiquei esperando aqui no Rio de Janeiro, com o último Vapor que chegou, instruções e autorizações de Hamburgo. E mais uma vez me deixaram na mão. Eu não podia dispor e arriscar mais dinheiro porque o agente no Rio não quis assumir a responsabilidade.

Também este projeto caiu por terra por culpa e para o prejuízo dos hamburgueses. Este procedimento e os acontecimentos na Europa me afeta-

²⁰ **“O Dr. Blumenau refere-se às notícias tristes da família e da pátria, agitação política, a revolução de 1848, e o falecimento do sobrinho na Alemanha.”**

Esta anotação acima foi feita por Theo Kleine, que copiou os originais escritos pelo Dr. Blumenau. O Arquivo Histórico de Blumenau possui uma cópia destas correspondências em seu acervo.

ram, porém não me desencorajaram. Transtornaram todos os meus cálculos e eu tenho que recomeçar no meio; porém, conservo ânimo e esperança e me consolo que Roma também não foi construída em um dia, e com perseverança, foram realizadas grandes obras.

Talvez arranje um empreendimento um pouco menor. O presidente da Província, apesar de atemorizado pelas calúnias, continua tendo boa vontade comigo e pretende dar-me quatro milhas quadradas para a colonização. Com esta área não se pode fazer grande coisa e estou indeciso quanto à aceitação da proposta, caso ele não me ceda ou garanta mais terra.

Ainda não dou todas as esperanças por perdidas no Rio, e, se eu conseguir levantar mais dinheiro, penso em investir mais. Com isto conseguirei mais terras e pessoas para trabalhar, o que será de muita valia para mim.

Magoa-me muito, meu querido pai, causar-te tantas preocupações! Por que, meu bom pai, mereço de tua parte esta desconfiança constante? Será que estou completamente tomado de burrice e cegueira que não posso agir sozinho! Ou tu és tão desconfiado de mim porque às vezes sou vivaz e efervescente e por momentos até exaltado? Estas explosões nunca me furta-ram o bom senso, e o fato de ter prazer em coisas bonitas e ver o lado poético não significa que esqueça o lado prático e útil.

Creio ter comprovado que não me falta perseverança. Batalhei para viajar para o Brasil e aqui mantive, sob condições adversas, minhas idéias e alcancei uma posição que me permite olhar com sossego para o futuro.

Penso, com a graça de Deus, retornar bem cedo para a Europa, mas não para ficar por lá para sempre, como farmacêutico ou químico. Sempre continuarei sendo um químico e creio que a química que aprendi ainda será de muita valia para minha fábrica de rum, fábrica de açúcar, etc. Dificilmente voltarei a trabalhar para outras pessoas e prefiro ser meu próprio patrão nas minhas próprias terras, mesmo que tenha que viver modestamente. Caso eu não tiver muita falta de sorte - e isto está nas mãos do destino e além do cálculo humano - penso que aqui terei uma posição segura e agradável e poderei realizar bem meus projetos, especialmente se conseguir que alguns queridos parentes e conterrâneos estejam perto de mim.

Passem bem, mantenham a estima que têm por mim!

Vosso fiel

H. Blumenau.

Memórias

Dia 13 de Março - Dia do Adeus

Texto:

GRETE
MEDEIROS*

Há alguns anos atrás, nós blumenauenses, ouvimos pela última vez o tão conhecido apito do nosso trem. A máquina veio apitando de longe como num último adeus!

Muitos blumenauenses choraram lágrimas sentidas. Terminava uma época, uma era.

Nosso trem amigo, de uma utilidade extraordinária.

Esta linha ferroviária, fazia durante longos anos a ligação entre Blumenau e a Serra, Rio do Sul. As linhas de ônibus eram problemáticas, as estradas precárias e em tempo de chuva, em algumas partes, ficavam intransitáveis.

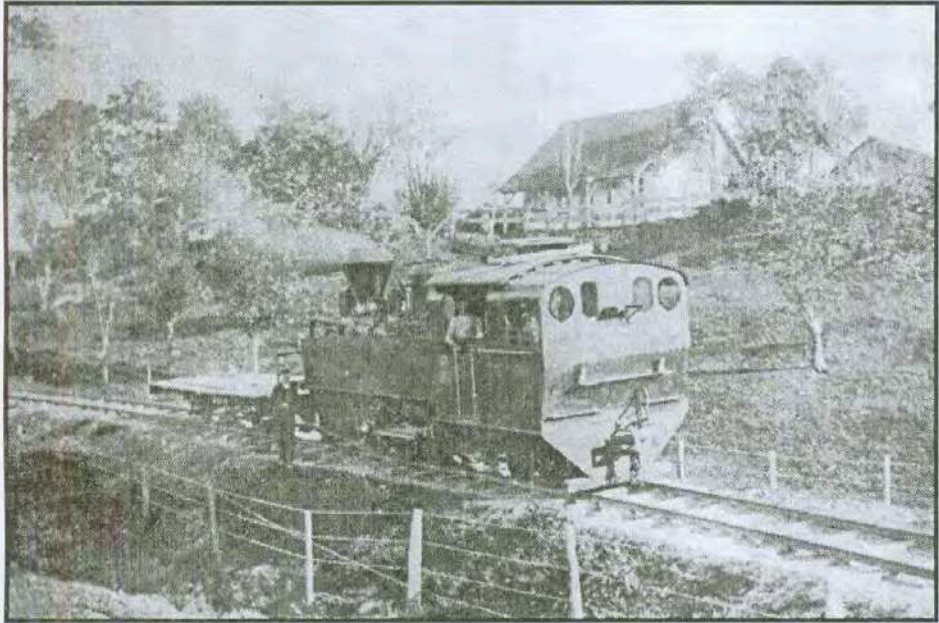
Religiosamente às 9:00 horas da manhã escutava-se o seu apito avisando: estou chegando. Naquela época os meios de comunicação eram difíceis, mas Blumenau possuía um bom comércio. Em pouco tempo os passageiros deixavam a estação ferroviária e enchiam as calçadas rumo ao comércio. Entre eles destacava-se o estafeta, Sr. **Selatchek**. Na pasta trazia as listas de compras das pessoas que estavam impedidas de viajar. O Sr. **Selatchek** comprava de tudo, os mais diversos artigos. Ele era uma pessoa de inteira confiança. Com isto, davam-se bem o comércio, os restaurantes e hotéis.

O trem retornava a Rio do Sul às 15:00 horas. Pouco antes, as calçadas ficavam novamente movimentadas. Pela rua transitavam os carros de cavalo (carro de mola) e táxis. Havia muitas compras para serem despachadas.

Nas semanas antes de Natal o movimento triplicava. A viagem de trem facilitava muito e vinham famílias inteiras. As crianças paravam extasiadas em frente das vitrines cheias de brinquedos e brilhos dos enfeites de natal.

* Colaboradora da Revista "Blumenau em Cadernos".

Na volta à estação, estavam exaustas. Vinham com suas roupas domingueiras e sapatos pouco usados, pois traziam-nos na mão, verdadeiro fim de festa.



MACUCA - primeira locomotiva da Estrada de Ferro Santa catarina

O nosso trem também servia para nosso lazer. Muitas vezes grupos se embalavam nas tardes de domingo viajando até Apiúna, naquele tempo chamado "Aquidaban". Lá os trens se encontravam, pois aos domingos o trem descia à tarde também. Era um corre-corre para mudar de vagão e voltar ao ponto de partida. Muitas vezes famílias inteiras se juntavam para fazerem piquenique e pescaria juntos. Munidos de lanches e material de pesca, pegavam o trem para procurar um bom lugar à beira do rio. Na volta, traziam cestas cheias de carás, mandis, cascudos e traíras. Era fácil carregar tudo no trem.

Esta linha ferroviária servia também à cidade de Ibirama, na época chamada de "Hammonia". No lugarzinho chamado "Subida" uma lo-

comotiva aguardava para levar os vagões para Hammonia. O outro trem seguia a trajetória até Rio do Sul, subindo a serra.

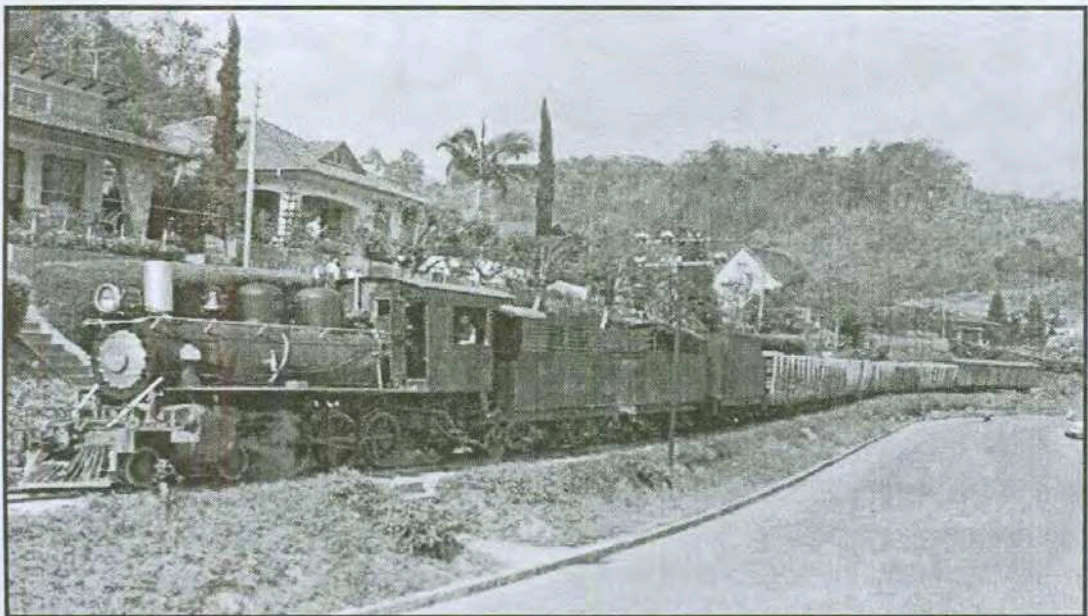
O grande sonho de todos era esticar a rede ferroviária até o porto de Itajaí. Foi com grande luta que este sonho se realizou, no ano de 1954.

O trem tinha alguns vagões para carga destinados ao porto, e para passageiros havia uma litorina. A viagem era muito confortável e bastante rápida.

Mas o sonho durou pouco, somente 10 anos. Que pena!! Já imaginaram se tivéssemos hoje esta litorina e este trem cargueiro até Itajaí? Estaríamos livres de grande quantidade de caminhões nas estradas. Algumas pessoas até gostaram que acabou o trem, pois diziam na época que não dava lucro e só servia de cabide de emprego para os jogadores do Brasil Futebol Club, depois Palmeiras. Mas, na época Blumenau tinha craques e chegou mesmo a exportar! A viagem de trem é uma viagem tranqüila e confortável, pouco balanço e poucos acidentes!

Vou lembrar alguns diretores que conheci: Dr. Breves, Dr. Barcelos e Dr. Pederneiras.

O nosso trem deixou muitas saudades. Até hoje não entendemos como isto pôde acontecer. Tiraram-nos o trem!



Trem cargueiro nas imediações da Rua Bahia (11/9/1968)

Biografia

LUIZ ALTENBURG SENIOR

Texto:

WOLFGANG
ALTENBURG*



LUIZ ALTENBURG SENIOR, nasceu em Reichenbach - Silésia - no dia 4 de Novembro de 1844, às 18 horas. Foi o segundo filho do então comerciante Moritz Franz Altenburg e sua esposa Emilie Gottliebe Doernert.

Até aos seis anos de idade, isto é, até 1850, ele viveu em Reichenbach, quando, então, foi mandado à escola do professor, Sr. Hasler, onde permaneceu até 1852. Nessa época começou o curso ginásial preparatório do Dr. Reichenbach e a seguir, para o ginásio Elisabeth, onde permaneceu até Outubro de 1857, quando resolveu imigrar para o Brasil, em companhia de seus pais, um irmão e duas irmãs. Como fossem seus pais possuidores de uma pequena granja, ele teve ocasião de aprender alguma coisa sobre agricultura e pecuária. Por exceção, tomou a primeira comunhão sozinho, aos doze anos e dez meses, concessão devido ao fato de imigrar para o Brasil! Essa festa religiosa repercutiu tão profundamente em seu espírito que, mais tarde, muitas vezes a mencionou com orgulho e satisfação.

No começo de outubro de 1857, teve início a viagem via Breslau-Berlim para Hamburgo.

Além do mobiliário, inclusive um piano e demais pertences domésticos, levaram uma completa oficina para o irmão mais velho, Rudolf, que era mecânico e contava 18 anos de idade.

No dia 15 de outubro desse mesmo ano, realizou-se o embarque no vapor "Teutônia". O primeiro porto de escala foi Southampton, a seguir Lisboa, depois Pernambuco, Bahia e finalmente Rio de Janeiro, no dia 22 de novembro de 1857.

* **Wolfgang Altenburg**, filho de Luiz Altenburg Senior escreveu esta biografia em 1948, por ocasião da comemoração da chegada de Luiz Altenburg Senior ao porto de Itajaí.

Este artigo foi enviado à direção da Revista Blumenau em Cadernos por **Alfred Luiz Baumgarten**, neto de Luiz Altenburg Senior.

No Rio, foram transportados para a Ilha Bom Jesus - hoje Ilha das Flores - e hospedados em um velho convento, adrede preparado para receber imigrantes. Pagava-se pela hospedagem, por dia e por pessoa, oitocentos réis. A família Altenburg foi a primeira a ser hospedada. Enquanto os pais seguiram para Teresópolis a fim de ver uma colônia que lhes fora oferecida, o jovem Altenburg divertiu-se bastante na ilha com os seus companheiros de viagem, pescando, tomando banho de mar e folgando. Os pais Altenburg regressaram à Ilha por não terem comprado a colônia, que não agradou. Resolveram, pois, seguir para S. Catarina, depois de desembarçar os seus pertences na alfândega, onde pagaram só pelo piano, o imposto aduaneiro de um conto de reis, embarcando tudo, a seguir, no potaço Liberato. Apesar de terem embarcado todos em 30 de novembro de 1857, só seguiram para Itajaí no dia 10 de dezembro seguinte. Fez também essa viagem, em companhia de sua jovem esposa, o proprietário do barco Sr. Antônio Pereira Liberato.

Chegaram a Itajaí a 16 de dezembro de 1857, onde, naquele tempo, só existiam 120 casas, além de uma igreja católica. O desembarque efetuou-se na barra do rio onde antigamente era o porto de Itajaí. Ali foram hospedados no rancho dos imigrantes do Dr. Blumenau.

Aqui deve ser mencionado um fato interessante: a família Altenburg havia sido recomendada pelo Dr. Blumenau e outros, a um Sr. Anton Haendchen. O primeiro encontro, porém, com este Sr., quando procurado, não foi muito satisfatório, tendo-se verificado mais ou menos o seguinte: os pais Altenburg, trajados da melhor forma possível, como se fossem a uma audiência de uma alta personalidade, foram fazer uma visita ao Sr. Antônio Haendchen, para apresentar-lhe as recomendações trazidas do Rio de Janeiro. Mas, em lá chegando, o que encontraram? Uma pequena casa de madeira, coberta de palha, dentro da qual se equilibrava laboriosamente um velho balcão, achando-se atrás deste um pequeno quarto, onde muita gente dançava, em uma atmosfera nauseante e irrespirável pelas emanções de vinho, cachaça e fumo de cigarros. Além disso produziam um barulho verdadeiramente infernal. O pai Altenburg pediu para falar ao Sr. Haendchen, que depois de algum tempo apareceu, com visíveis sinais de excesso alcohólico e, depois de ter lido com dificuldade as recomendações, disse aos seus recomendados que voltassem no dia seguinte, pois estava festejando um batizado e não podia atendê-los. Sem mais explicações, virou as costas, reuniu-se aos seus companheiros e continuou a festa, em uma sala de aproximadamente 16 metros quadrados de superfície, com uma altura de três, onde dançavam 25 a 30 pessoas. Voltaram mal impressionadas para sua casa-de-pasto.

No dia seguinte, porém, o Sr. Haendchen tudo fez para que os seus recomendados reconsiderassem a má impressão causada na véspera, orientando-os e mostrando-se à altura da recomendação.

Dali seguiram os pais para Gaspar, por canoa, onde compraram uma colônia, já dotada de pasto, casa, etc. e voltaram para Barra do Rio no dia 23/12/1857.

No dia seguinte, lembraram-se do Natal e, com uma pequena “capriroca”, improvisaram uma árvore e prepararam uma poncheira. No primeiro dia da festa de Natal, a mãe resolveu ler aos filhos trechos dos Evangelhos.

No dia 27 de dezembro foram embarcadas as bagagens em um pequeno barco e seguiram rio acima, chegando ao seu destino no dia 28 do mesmo mês.

Recolheram a bagagem (vinte toneladas) em um engenho de açúcar, mas como o espaço não fosse suficiente, foi necessário construir um novo rancho, bem fechado, para não danificar o piano.

Após tudo instalado em seus lugares, veio então o rude trabalho de colono, ao qual aliás nenhum deles estava habituado, e suas conseqüências: mãos duras de calos de sangue, cujas dores só eram aliviadas pelo pesado sono provocado pelo intenso cansaço físico. A mãe e as irmãs sofreram ainda mais e se ocupavam principalmente com bordados artísticos e música.

Com o auxílio e boa vontade dos vizinhos, conseguiram ir vencendo todas as dificuldades até a primeira safra.

Em 1860, durante a ausência do pai, morreu afogado no rio Itajaí o irmão mais velho, Rudolf, com 20 anos.

Com este golpe fatal, Luiz, então com 16 anos apenas, teve que assumir a direção dos trabalhos e o cuidado da mãe e irmãs. Em 1861, o pai regressou da Europa, aonde fora à procura de recursos para o tratamento de sua saúde, sem ter conseguido melhoras. Em 1862 também morreu afogado, no mesmo rio Itajaí, por ter virado a canoa em que viajava e não saber nadar.

Com mais este tremendo golpe fatal, Luiz tomou definitivamente a direção da família Altenburg, com apenas 18 anos de idade, assumindo todas as responsabilidades decorrentes de tal situação.

Em 1863, resolveram mudar-se para uma nova colônia, haja vista que aquela em que viviam não rendia o suficiente, o que obrigava o jovem Luiz a fazer trabalho extra em um engenho de serra da vizinhança.

Toda carne fresca que entrava no consumo doméstico, provinha das caçadas realizadas só aos domingos.

No ano de 1864 seguiu, em companhia de sua mãe, em canoa, para Blumenau, onde chegaram depois de uma hora e meia. Ali foram assistir à missa Evangélica e à primeira comunhão dos jovens. Entre estes, havia muitas meninas bonitas, porém a que mais lhe chamou a atenção foi Gertrud Wagner, filha do colono Peter Wagner. Esta, de fato, iria ser a sua futura esposa. Em outubro de 1866 ficaram noivos e escolheram para o casamento o dia 16 de fevereiro de 1867. No dia 17, seguiu o novo casal para a sua residência, fazendo a viagem em canoa a remo, transportando ao mesmo tempo, o enxoval, que nesse tempo era constituído, basi-

camente, por roupa de cama, uma caixa contendo roupas de uso pessoal, mesa de costura, algumas painelas e duas esteiras. Mesmo apesar dos seus parques haveres iniciais, foram muito felizes. A herança que sua esposa recebeu por parte da mãe, foi de 50 morgos de terra.

No dia 8 de Agosto de 1868, nasceu o primeiro filho, que recebeu o nome de Rudolf, e em 1871 nasceram duas filhas: Cecilie e Agnes.

Até 1872 continuou trabalhando na colônia antiga, obtendo ótimos resultados, pois a terra era boa. Com as economias feitas e um pouco mais de dinheiro que a mãe lhe emprestou, comprou mais cinquenta morgos no Weissbach, pouco acima de Blumenau. A senhora mãe, adorada e respeitada pelo filho, quase sempre estava em sua companhia, auxiliando nos serviços domésticos.

As duas irmãs haviam se casado: Cecilie, com Antônio Deschamps, e Selma, de 17 anos, com Julius Gaertner.

No mês de outubro de 1870, a mãe soube por notícias vindas da Alemanha, que seu único e muito querido irmão, havia falecido. Isto constituiu um rude golpe para ela e repercutiu profundamente sobre o seu estado de saúde. A fim de ficar mais perto do médico e da farmácia, já que o seu estado ia se agravando, foi levada para Blumenau, para a casa da família Kleine. Apesar dessas providências, veio a falecer oito dias mais tarde, com fortes sofrimentos, estando somente presente seu filho Luiz. Este, já tendo perdido o seu pai e o seu irmão, foi alvo de mais uma fatalidade. Esses golpes tiveram o dom de torná-lo mais rígido, levando-o a encarar os fatos com decisão e objetividade. Com a pequena herança recebida pela morte da mãe, Luiz pagou todas as suas dívidas, sendo então proprietário de um engenho de ferro para moer cana, um alambique e um engenho para farinha de mandioca. Franz Schramm, tendo-lhe oferecido um terreno com olaria situado junto à igreja católica de Gaspar, resolveu efetuar a compra e transferir-se para ali em 1872. Continuando a fabricação de tijolos e telhas, abriu ainda uma pequena casa de negócios e uma casa de pasto. Tudo isto dava um enorme trabalho, porém com o auxílio de sua primeira esposa, que era muito trabalhadeira, conseguiu vencer todas as dificuldades, ganhando dinheiro e aumentando o negócio cada vez mais. A freguesia era numerosa, pois muitos colonos tinham comprado colônias no interior de Gaspar. Então resolveu vender o terreno situado em Weissbach e com este numerário pagou todas as dívidas contraídas por ocasião da compra da Olaria. Vivendo sempre modestamente e sendo econômico, em pouco tempo era detentor de bom crédito e merecia muita consideração no comércio.

Em 1875, fez o Sr. Luiz Altenburg sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, levando uma carta de recomendação do Sr. Asseburg Senior, que lhe permitiu fazer boas e vantajosas compras, inclusive a prazo, com o que também obteve bons lucros.

Em 1880 repetiu-se a grande enchente do rio Itajaí de 1850, fato que se repete periodicamente, como é sabido. Com esta enchente houve muito prejuízo indireto, pois tendo se perdido as plantações, os devedores não podiam saldar seus débitos, contraídos por conta da safra futura. Mesmo assim, o negócio prosperou e foi gradualmente aumentando. Iniciou em 1880 a primeira exportação de açúcar para o vizinho Estado do Paraná, tendo como sócio o capitão de um barco de 25 toneladas. Ambos ganharam bom dinheiro. No ano de 1881, faleceu o sócio. Continuando a mesma exportação, agora tendo outro sócio, o Sr. Mueller, ofereceu-se a oportunidade de aquisição de um barco barato. Comprou-o e intensificou ainda mais a exportação para o Paraná, sozinho. O negócio, embora nem sempre tivesse sido ótimo, deu em geral bons resultados,

Até essa época, a primeira esposa tivera seis filhos e cinco filhas: Rudolf, Cecilie, Agnes, Marie (Mimi), Luiz, Hedwig, Adolfo, Ferdinand, Gertrud (Trudi), Moritz e Victor.

Infelizmente a Da. Gertrud Altenburg adoeceu gravemente no ano de 1885, tendo escapado à morte como por milagre. Entretanto, não conseguiu recuperar inteiramente a saúde, embora não estivesse de cama. E assim chegou ao fim do ano de 1886, o mais crítico e triste de todos. O estado de saúde da Sra. agravou-se e apesar dos esforços dos médicos Dr. Cunha e Dr. Valadão e de todos os cuidados que lhe prodigalizaram os parentes e especialmente a sua melhor amiga, a senhorita Clara Breithaupt, professora de uma escola do governo em Gaspar, que morava na casa da família Altenburg, não foi possível arrancá-la às garras da morte que se aproximava. Ao terminar o mês de janeiro o estado de saúde da doente tinha se agravado muito. No dia 7 de Fevereiro do mesmo ano a enferma chamou o marido e estando sozinha com ele, pediu-lhe que chamasse a Srta. Clara. Quando esta esteve presente, pediu-lhe, em presença do marido, que, se morresse, cuidasse dos filhos e se possível ocupasse o seu lugar junto ao marido. A Srta. Clara pensou por muito tempo e respondeu: "Dona Gertrudes, eu espero que a senhora fique novamente boa e possa ficar por muitos anos ainda em companhia de seu marido e de seus queridos filhos; porém, se acontecer o que a Sra. supõe, prometo cumprir o seu desejo, sempre que me seja possível e seu esposo concorde. Cuidarei bem de seus filhos e lhes provarei a minha gratidão pela confiança em mim depositada e pela hospitalidade que sempre gozei em sua casa, onde sempre fui tratada por todos como se fosse membro da família."

Para o Sr. Luiz Altenburg este momento foi solene, pois foi lentamente compreendendo a instrução do pedido dito da enferma aos dois, cujo compromisso assumiram com um aperto de mão.

Depois disto a doente ficou mais calma e nada mais se falou com respeito ao assunto, que foi conservado como segredo dos três.

No dia seguinte o estado de saúde da enferma agravou-se, piorando gradualmente até atingir o máximo no dia 8 de setembro de 1886. Na tarde desse dia faleceu calmamente, depois de ter vivido 19 anos felizes em companhia de seu querido esposo, tendo juntos compartilhado sempre os bons e maus momentos de suas vidas. No dia seguinte, após 24 horas, os restos mortais foram dados à sepultura, no cemitério evangélico de Blumenau.

Foi necessária sem dúvida muita energia moral para sobrepor-se a tão rude golpe; só o conseguindo ao pensar nos seus 9 filhos, ainda vivos, que muito necessitariam dos cuidados maternos. A Srta. Clara e a filha mais velha, Cecílie, assumiram então a direção da casa e os cuidados necessários aos filhos menores. Assim foi passando o tempo.

Com o fim de evitar possíveis alusões malévolas ao fato da Srta. Clara morar em sua casa, resolveu o Sr. Luiz Altenburg, apesar de ter ainda decorrido pouco tempo desde o falecimento da esposa, perguntar à jovem se estava disposta a cumprir a promessa feita à extinta, de substituí-la junto de seus filhos e de seu esposo. Esta atitude, certamente, foi difícil para ele; mas as circunstâncias assim o exigiam. Depois de pensar bem sobre o assunto durante três dias, a Srta. Clara, que contava então 28 anos respondeu afirmativamente, e foi entre os dois combinado o casamento. No dia seguinte foi a Blumenau pedir ao pai da Srta. Clara o seu consentimento, tendo este concordado, pois já estava a par de tudo. Depois de eliminados alguns obstáculos referentes aos filhos, o sogro Wagner também concordou com este casamento.

Assim começou para o Sr. Altenburg uma nova vida e, felizmente, nunca teve que arrepender-se de ter, em 1886, desposado a Srta. Clara, pois esta em nada faltou à promessa feita à falecida Gertrud, tendo cuidado carinhosamente dos filhos da mesma e sendo excelente esposa.

Deste feliz casamento com Clara Breithaupt, de 1886 até dezembro de 1895, nasceram 7 filhos, sendo um menino e seis meninas, que receberam os seguintes nomes: Selma, Jenny, Else, Paula, Matilde, Wolfgang e Clara. No ano de 1893, acompanhado de sua esposa, o filho Luiz e a filha Gertrud, fez uma viagem à Europa a fim de visitar sua velha pátria, depois de 36 anos de duros trabalhos e muitos sofrimentos, intercalados também com alegrias, na nova pátria, o Brasil. O filho Luiz ficou em Mitweida, na Alemanha, a fim de fazer estudos para o ofício de técnico. Ali visitaram todos os parentes, tendo sido por todos muito bem recebidos.

Esta foi a única viagem de recreio que o Sr. Altenburg fez em companhia de sua segunda esposa. Depois disso contava sempre aos filhos, passagens dessa viagem, que eles ouviam com redobrado interesse, pois o pai era bom narrador.

Este se achava ainda na Europa em 1893, quando estourou a revolução da marinha de guerra brasileira. Em outubro de 1893, voltaram ao Brasil, tendo chegado ao Rio justamente no dia em que a fortaleza de Villegaignon se pronunciou ao

lado dos revolucionários. No porto foram esperados pelo capitão do seu correspondente no Rio e levados a uma hospedagem. Ali souberam que não poderiam continuar a viagem para o Sul, pois a marinha mercante estava ocupada pela marinha de guerra. Somente navios estrangeiros trafegavam, mas só até o porto de Santos, seguindo dali para a Europa. Diante da situação, resolveu o Sr. Altenburg alugar um veleiro norueguês e obter do governo permissão para carregá-lo com a carga trazida da Europa, mais sal, farinha de trigo e querosene, comprados no Rio para completar a carga do veleiro. Foi muito difícil obter o consentimento do governo, pois os portos de Santa Catarina estavam em poder dos revolucionários. Depois de 7 dias de viagem chegaram à barra do porto de Itajaí, não podendo entrar em virtude das condições da grossa barra.

Seguiram, então, até Porto Belo. Como tivessem pressa de chegar à casa, alugaram um carro e continuaram a viagem por terra, via Tijucas-Brusque até Gaspar.

Ao chegarem, verificaram que tudo se achava em boa ordem e foram recebidos com grandes mostras de alegria e contentamento.

Na ausência dos pais, ficou a cargo dos negócios o filho mais velho, Rudolf, que pouco antes contraíra núpcias com Helena Odebrecht.

Começaram a trabalhar novamente. A revolução ainda não havia terminado. No ano de 1893, esperava-se a passagem por Blumenau e Gaspar, com destino a Itajaí, de 3 a 4 mil soldados, comandados pelo revolucionário Gummercindo Saraiva.

Com efeito, chegaram, vindo dos campos, via Curitibanos, através de um picadão, com o fim de serem embarcados em Itajaí para um ponto do norte. No começo de dezembro chegaram a Gaspar, depois de se terem reequipado em Blumenau, quanto a roupa, viveres, etc..

Não tardou, porém, a chegada de tropas leais ao governo republicano, que perseguiram os rebeldes até Itajaí, onde houve um encontro, no qual apesar de ter havido cerrado tiroteio, só houve a lamentar um morto e alguns feridos.

Depois deste combate, as tropas do governo voltaram, via Gaspar, para Blumenau, perseguidas pelos contingentes rebeldes. Assim, pois, praticamente, a rebelião terminou no Estado de Santa Catarina.

É de lamentar que o filho Adolf já não exista, pois como contemporâneo desses acontecimentos, muitos assuntos interessantes poderia fornecer-nos, relacionados com os fatos acima descritos.

No ano de 1894, ele ainda comprou em Blumenau, o negócio do Sr. Henrique Grewsmuehl, situado em ótimo local. Neste negócio o filho Rudolf assumiu a gerência. O negócio desenvolveu-se muito bem, dando ótimo resultado financeiro.

No mês de agosto de 1894, nasceu um filho e em dezembro de 1895, nasceu uma filha, Clara, do casal Altenburg. Em consequência deste último parto, dona

Clara faleceu, atacada de febre puerperal; assim, o Sr. Luiz Altenburg ficava viúvo pela segunda vez, com mais sete filhos menores, do segundo matrimônio.

Após algum tempo decorrido do falecimento da Sra. Clara, apesar dos esforços realizados pelas filhas mais velhas, no sentido de que tudo na casa corresse da melhor forma possível, verificou o Sr. Luiz Altenburg, em virtude do isolamento em que vivia, que era imprescindível para a sua felicidade, contrair novo casamento.

Então, resolveu perguntar à irmã de dona Clara, de nome Marie Breithaupt, se ela estava disposta a casar-se com ele e ser a segunda mãe de suas sobrinhas e sobrinhos.

Nessa época, a Srta. Marie residia em Santos, onde tinha um negócio em sociedade com seus irmãos e uma irmã, onde obtinham bons proveitos. A resposta, porém, foi afirmativa e no mês de dezembro de 1896, foi celebrado o casamento.

Este matrimônio também foi feliz e nasceram, em setembro de 1898, um filho - Hans - e em novembro de 1899, uma filha, Emilie.

Ainda no ano de 1898, o Sr. Altenburg comprou a fundição do Sr. Grahl, em Blumenau, e em agosto do mesmo ano mudou-se para essa cidade com toda a família. Ali construiu mais tarde um bonito palacete, na Alameda Rio Branco.

O negócio em Gaspar foi entregue ao filho Adolf e ao genro Karl Künzer, que entraram como sócios. Infelizmente, com o correr do tempo, os negócios pioraram e os rendimentos eram insuficientes para as duas famílias, pois neste ínterim, Adolf também casara com Alice Hoeschl.

A fim de poder proporcionar a todos uma existência condigna resolveu comprar para o genro, Karl Künz, um segundo negócio, do Sr. Leopoldo Knoblauch, em Blumenau.

Mas também este não deu o resultado esperado. Aconteceu, ainda, que o negócio dirigido pelo filho Rudolf sofreu graves prejuízos, e piorando gradativamente, alcançou seu máximo declínio em 1910.

O Sr. Luiz Altenburg, fazendo imenso sacrifício, assumiu todo o ativo e passivo da firma, esperando que com a construção da estrada de ferro, em projeto, pudesse enfrentar a situação, e salvar alguma coisa do patrimônio de sua firma.

Infelizmente nada correu na medida dos seus desejos; os três anos subsequentes não melhoraram as perspectivas. Resolveu, então, entregar tudo aos credores e liquidar a firma.

Os credores, porém, de livre e espontânea vontade, resolveram deixar-lhe um terreno com casas. Assim teve uma morada para sua esposa, suas filhas solteiras e para si, até a morte, ocorrida a 9 de janeiro de 1920.

Repetiu-se, pois, o que havia acontecido duas vezes na família: em 1838, quando do aparecimento do alvejamento artificial, o avô perdera tudo, pois dedicava-se a essa atividade por processo natural. A segunda vez, foi quando os pais emi-

graram para o Brasil. Deixaram com um irmão 60 a 70 mil marcos em títulos austríacos, como reserva, para o caso de virem a necessitar. Sobreveio a guerra entre a Áustria e a Itália e tais títulos foram quase completamente desvalorizados.

Finalmente a terceira vez ocorreu com o nosso querido progenitor Sr. Luiz Altenburg.

Após esta ocorrência, seguiram-se anos dolorosos, para ele, sempre preocupado pelo fato de estar monetariamente impossibilitado de auxiliar seus filhos mais novos e solteiros, não podendo dar-lhes o que dera aos mais velhos.

Seja como for, o autor desta biografia, um dos filhos deste ilustre pai e benfeitor, está convencido de que todos os filhos e filhas sobreviventes e os descendentes, tenham ou não recebido alguma coisa material, só o recordam com amor, carinho e respeito, pedindo a Deus que continue a conservar a sua alma condignamente entre as outras que assim o mereçam.

Deu-nos a todos uma boa escola e soube educar-nos como bons brasileiros, pois amava sinceramente a sua segunda pátria, o Brasil.

Podemos afirmar sem medo de erro, que ele foi um dos primeiros nacionalizadores, não tendo infelizmente, recebido o apoio indispensável daqueles que tinham a obrigação de auxiliá-lo na resolução de tais problemas.

Desenvolvimento sustentável e políticas públicas municipais: o caso da sub-bacia do Rio Benedito, Santa Catarina

Texto:

IVO MARCOS
THEIS*



Introdução

Este artigo tem o propósito de fazer um rápido apanhado dos problemas identificados na fronteira entre atividade produtiva, urbanização e meio ambiente¹ na sub-bacia do Rio Benedito e, assim, oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas voltadas para uma maior sustentabilidade social e ambiental dos municípios que integram a região.

Inicialmente são discutidos alguns pressupostos da abordagem do *desenvolvimento sustentável* e, dadas as dificuldades de sua operacionalização, propostos dois *parâmetros de sustentabilidade* (no presente caso, *necessidades e limitações*) que permitam examinar casos concretos. Não obstante, convém observar que *desenvolvimento sustentável* permanece uma perspectiva teoricamente vaga e empiricamente imprecisa (BLUMENSCHNEIN & THEIS 1995, DRUMMOND & MARSDEN 1995, RIBEIRO 1992). Em seguida se descreve a bacia hidrográfica do Rio Itajaí, buscando demonstrar a gravidade do problema das enchentes que ocorrem com frequência na região.

* Pesquisador do IPA/FURB. Endereço: Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA), Universidade Regional de Blumenau (FURB), Caixa Postal 1507, CEP 89010-971, Blumenau, Santa Catarina, e-mail: theis@furb.rct-sc.br.

¹ Que vão desde o potencial tributário das administrações públicas locais (BLANCO GOGIA 1992), passando pelas possibilidades de um desenvolvimento rural sustentável (RITSCHER 1991) e pelas implicações da exploração e do uso de recursos energéticos, sobretudo da biomassa (DRESSLER 1992, QUADROS 1991), até os problemas relacionados aos processos de industrialização e urbanização (BUTZKE 1991, BUTZKE & THEIS 1991, THEIS et al. 1991, VIDOR & THEIS 1991) nos municípios da região.

As demais seções deste artigo tratam do processo de desenvolvimento da sub-bacia hidrográfica do Rio Benedito, do potencial de políticas públicas municipais orientadas para a preservação do meio-ambiente e das possibilidades de um desenvolvimento social e ambientalmente sustentável na região.

A tarefa aqui proposta - de se analisar os problemas ambientais relacionados ao desenvolvimento econômico e urbano dos municípios integrantes da sub-bacia do Rio Benedito - é levada a efeito com o recurso a um enfoque essencialmente interdisciplinar (NOVAES PINTO 1989:38; SILVA & POMPEU 1989:117-119), com vistas à identificação do potencial de adoção de políticas públicas voltadas para um desenvolvimento sustentável da região.

Desenvolvimento sustentável e políticas públicas municipais

Para se discutir políticas públicas municipais a partir da perspectiva do desenvolvimento sustentável, convém fazer breve referência ao significado que o conceito de sustentabilidade pode ter neste contexto. Isto, por sua vez, requer que se volte à definição de desenvolvimento sustentável:

“O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. Ele contém dois conceitos-chave: o conceito de necessidades, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres do mundo, que devem receber a máxima prioridade; a noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO 1988:46).

Necessidades e limitações constituem, pois, os parâmetros com os quais se pode trabalhar o conceito de sustentabilidade. Assim, pode-se identificar desenvolvimento sustentável com sustentabilidade social (derivada do parâmetro “necessidades”) e sustentabilidade ambiental (derivada do parâmetro “limitações”). Necessidades sociais e limitações ambientais, todavia, precisam ser contextualizadas histórica e espacialmente. No caso em questão, trata-se do presente desenvolvimento de uma região que corresponde à sub-bacia do Rio Benedito, em Santa Catarina. Se existe certo acordo quanto à importância dos

condicionantes sociais sobre os processos de desenvolvimento¹, cumpre lembrar que problemas ambientais são questões socialmente construídas sob o capitalismo². Retornando à perspectiva que fornece os parâmetros de sustentabilidade, o seu sentido mais normativo indica que

“o desenvolvimento sustentável não deve pôr em risco os sistemas naturais que sustentam a vida na Terra: a atmosfera, as águas, os solos e os seres vivos” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO 1988:48).

Aqui é preciso fazer referência a diferentes “modelos” de interação entre a sociedade e o meio ambiente para se verificar em que medida “os sistemas naturais que sustentam a vida na Terra” estão colocados em risco. Se bem que se dispusesse aí de inúmeras alternativas, para os fins aqui considerados elegeu-se a proposição das quatro possibilidades constantes no quadro abaixo:

Quadro 1: Modelos de interação sociedade-meio ambiente

Custo-Benefício sócio-econômico p/ a sociedade	Custo-Benefício ecológico p/ o meio-ambiente	Natureza da Interação	Modelo de Interação
C < B (+)	C < B (+)	Equilibrada	<i>Cooperativo</i> (favorável à sociedade e ao meio ambiente)
C < B (+)	C > B (-)	Desequilibrada	<i>Conflitivo Egoísta</i> (favorável à sociedade, mas desfavorável ao meio ambiente)
C > B (-)	C < B (+)	Desequilibrada	<i>Conflitivo Altruísta</i> (desfavorável à sociedade, mas favorável ao meio ambiente)

² A própria COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (1988:49) deseja que “o desenvolvimento sustentável [seja] um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se [harmonizem] e [reforcem] o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas”.

³ De acordo com REDCLIFT (1989:11), “environmental issues are socially constructed under capitalism”.

Custo-Benefício sócio-econômico p/ a sociedade	Custo-Benefício ecológico p/ o meio-ambiente	Natureza da Interação	Modelo de Interação
C > B (+)	C > B (+)	Equilibrada	<i>Competitivo</i> (desfavorável tanto à sociedade quanto ao meio ambiente)

Fonte: Adaptado de ALMEIDA Jr. (1994:289).

Poder-se-ia, neste ponto, sugerir que o desenvolvimento sustentável, observadas tanto as necessidades sociais quanto as limitações ambientais antes referidas, deverá orientar-se para uma interação “cooperativa” entre sociedade e meio ambiente, i.é. uma interação que implique benefícios sociais e ambientais superiores aos respectivos custos.

Neste ponto é preciso esclarecer o que, concretamente, se pode entender por “interação cooperativa entre sociedade e meio ambiente”. Com o auxílio de dois quadros, pode-se listar valores (e atributos sociais, econômicos e ambientais) que devem predominar em sociedades sustentáveis, portanto naquelas em que predominam benefícios sociais e ambientais em face dos seus respectivos custos, comparativamente aos valores (e atributos sociais, econômicos e ambientais) dominantes hoje nas sociedades consideradas não-sustentáveis.

Quadro 2: Atributos valorativos predominantes em sociedades sustentáveis e não sustentáveis

Sociedade Não-Sustentável	Sociedade Sustentável
antropocêntrica	cosmocêntrica
individualista	comunitária
egoísta	altruísta
intolerante	tolerante
competitiva	cooperativa
imediatista	mediatista
visão fragmentada e anti-ecológica	visão holística e ecológica

Fonte: Adaptado de ALMEIDA Jr. (1994:296).

O quadro acima é elucidativo e dispensa maiores comentários. O que precisa ser ressaltado é o fato de que, facilmente, se identifica a sociedade atual com os valores de uma sociedade não sustentável. O quadro seguinte, que dis-

tingue atributos sociais, econômicos e ambientais, reforça ainda mais os aspectos negativos da sociedade em que hoje vivemos:

Quadro 3: Atributos sociais, econômicos e ambientais de sociedades sustentáveis e não-sustentáveis

Sociedade Não-Sustentável	Sociedade Sustentável
taxa máxima do fluxo energético-material	taxa mínima do fluxo energético-material
poluição descontrolada	poluição sob controle crescente
biodiversidade desprotegida	proteção da biodiversidade
diversidade cultural desprotegida	proteção da diversidade cultural
crescimento econômico ilimitado	desenvolvimento sustentável
produção baseada na obsolescência	produção baseada na durabilidade
baixa qualidade de vida	elevada qualidade de vida

Fonte: Adaptado de ALMEIDA Jr. (1994:297).

Se identificamos desenvolvimento sustentável com um processo que deve conduzir a uma sociedade sustentável - uma sociedade baseada em valores cosmocêntricos, comunitários, altruístas, de tolerância e cooperação, mediatista, baseada numa visão holística e ecológica, uma sociedade, enfim, que privilegie a redução da taxa do fluxo energético-material e um controle crescente da poluição, que proteja a biodiversidade e a diversidade cultural, cujo processo produtivo se baseie na durabilidade dos bens e na elevação da qualidade de vida de seus membros - então é preciso pensar em políticas públicas que favoreçam a sua adoção.

Entretanto, as políticas públicas - inclusive as de âmbito municipal - que devem contemplar tanto “necessidades” quanto “limitações” com vistas à elevação da sustentabilidade social e ambiental, precisam ser consideradas no contexto das relações entre capital e trabalho. Se podemos identificar desenvolvimento sustentável com sustentabilidade social e sustentabilidade ambiental, então é indispensável que se tome em conta o caráter das relações de produção dominantes no(s) espaço(s) no(s) qual(is) se deseja adotar políticas públicas que favoreçam a transição para uma sociedade mais sustentável³.

⁴ REDCLIFT (1989:2) observa que “in exploring sustainable development, we are necessarily concerned with [...] capital and labour, as well as the natural resources that human beings have naturalized through their own efforts”.

Caracterização da bacia do Rio Itajaí e a questão das enchentes

A bacia hidrográfica do Rio Itajaí é conhecida pela sua importância econômica, pela colonização germânica e pela ocorrência de enchentes. Ela se localiza inteiramente no Estado de Santa Catarina, compreendendo uma área de 15.000 km². O Rio Itajaí é formado pelos rios Itajaí do Sul, Itajaí do Oeste, Hercílio, Benedito, Testo, Luís Alves, Neisse, Warnow, Encano, Garcia e Itajaí Mirim, com eles compondo sete sub-bacias: Itajaí do Sul, Itajaí do Oeste, Hercílio, Benedito, Médio Itajaí-açu, Baixo Itajaí-açu e Itajaí-Mirim.

Embora a região compreendida pela Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí seja reconhecida por ter sido colonizada por alemães e por destacar-se economicamente no contexto regional, com alguma frequência os meios de comunicação alternam notícias sobre as origens germânicas de sua população e o desempenho da economia do Vale do Itajaí por manchetes dando conta de prejuízos provocados por constantes enchentes que afligem os quase 50 municípios integrantes da Bacia.

Documentos do século XVIII demonstram que o fenômeno *enchentes* deixava suas marcas na região há bastante tempo. Com o início do processo de colonização, passou a ser percebida a gravidade do problema, tendo os próprios colonizadores experimentado uma das maiores no ano de 1852. Desde então, tem sido frequentes as altas do Rio Itajaí em decorrência de períodos prolongados de chuvas ou de chuvas intensas num período menor (CORDERO 1992, FRANK 1992). Presume-se que a “grande” enchente ocorrida no ano de 1983, quando as águas chegaram à marca de 15,37 em Blumenau, tenha provocado prejuízos de US\$ 1 bilhão, inundando praticamente 1/3 das residências e deslocando 50 mil pessoas durante os 10 dias que durou. Em algum grau, todos os municípios que integram a Bacia do Itajaí sofreram conseqüências desta enchente (FRANK 1989).

Como resposta a este problema, foram empreendidos esforços por parte de diversas instituições, como DNAEE, Secretarias de Estado, Prefeituras dos Municípios da Bacia e, sobretudo, da Universidade Regional de Blumenau. Logo em seguida às enchentes de 1983 e 1984, foi criado, no âmbito desta Universidade, o Projeto Crise. Integrado inicialmente por pesquisadores com formação nas áreas das ciências exatas e naturais, o Projeto Crise buscou concentrar-se no desenvolvimento de mecanismos não-estruturais de combate às cheias. A realização, em agosto de 1987, de uma reunião internacional sobre “Diretrizes para um Projeto de Proteção Ambiental para o Vale do Itajaí” (PROJETO CRISE 1987) desencadeou um processo de revisão dos trabalhos

que vinham sendo realizados no âmbito do Projeto Crise. A crescente consciência de que as enchentes não são o único problema da Bacia, de que suas consequências têm dimensões variadas e suas causas estão vinculadas, em níveis amplos, à relação sociedade x meio ambiente, conduziram a uma reconceptualização fundamental. Surgia, então, o Projeto Itajaí, com uma proposta de abordagem interdisciplinar, interinstitucional e interativa dos problemas sócio-ambientais.

Do final de 1987 até a segunda metade dos anos noventa percorreu-se um longo caminho, sobretudo se tivermos em conta a escassez de recursos financeiros. Entretanto, é importante destacar que o III Seminário do Projeto Itajaí, realizado em Blumenau, na Universidade Regional de Blumenau, entre 29 e 31/08/90, assinala um importante ponto de inflexão nos trabalhos de sua equipe de pesquisadores (hoje oriunda de diversas áreas de conhecimento). Trata-se da necessidade de opção por um trabalho concentrado numa dada sub-bacia. Assim, a partir do estabelecimento de critérios relacionados a aspectos econômicos, sociais e ambientais, selecionou-se, no início da década dos anos noventa, a sub-bacia do Rio Benedito, a mais “problemática” para o desenvolvimento dos trabalhos de investigação e proposição de ações alternativas, visando propiciar respostas adequadas aos problemas sócio-ambientais enfrentados pelos municípios que integram toda a bacia hidrográfica do Rio Itajaí.

Este trabalho pretende fazer um rápido apanhado dos problemas identificados na fronteira entre economia e meio ambiente, entre a atividade produtiva e a exploração dos recursos da natureza, na sub-bacia do Rio Benedito e, assim, oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas voltadas para uma maior sustentabilidade social e ambiental dos municípios que integram a região considerada.

O processo de desenvolvimento da sub-bacia hidrográfica do Rio Benedito

Por algum tempo, acreditou-se que o crescimento econômico pudesse traduzir-se em desenvolvimento. O equívoco dessa crença foi demonstrado por Ignacy Sachs, para quem

“está mais que visto que o crescimento, embora necessário, não é [...] condição suficiente para o desenvolvimento. Dependendo das circunstâncias, tanto pode trazer consigo o bom desenvolvimento, como também pode acarretar o chamado maudesenvolvimento, expressos

ambos em função dos impactos que provocaram na qualidade de vida do povo" (SACHS 1986:71-72).

No caso brasileiro, o modelo de desenvolvimento adotado, baseado numa exploração inadequada dos recursos naturais e em processos de industrialização selvagem e urbanização caótica, sem qualquer participação da sociedade (BAUTISTA VIDAL 1988), pode ser caracterizado como um modelo de maudesenvolvimento. Um dos pecados capitais deste modelo consiste na desequilibrada distribuição de esforços no processo de crescimento, daí resultando disparidades que levam ao agravamento das condições de vida da maioria da população - no contexto urbano-industrial pela exclusão posicional (HIRSCH 1979), e no contexto rural-primário pelo completo abandono.

Os municípios integrantes da sub-bacia hidrográfica do Rio Benedito (que faz parte da bacia hidrográfica do Rio Itajaí, em Santa Catarina) são: Timbó, Rodeio, Rio dos Cedros, Benedito Novo e Dr. Pedrinho.

Tabela 1: Dados sobre a população da sub-bacia do Rio Benedito

Municípios	População (1980)	População (1991)	Área (em km ²)	Dens. Demog. (1991)
Benedito Novo	10.712	8.385	386	21,7
Dr. Pedrinho	2.870	2.997	375	8,0
Rio dos Cedros	8.468	8.642	556	15,5
Rodeio	7.977	9.371	134	69,9
Timbó	17.924	23.806	130	183,1
Sub-bacia	47.951	53.201	1.581	33,7

Fonte: IBGE (1982, 1991) & SANTA CATARINA (1994b).

Em extensão territorial, a sub-bacia do Rio Benedito corresponde a pouco mais de 10% da área da bacia do Rio Itajaí, havendo apenas um município (dos cinco) com mais de 500 km² (Rio dos Cedros) e dois com menos de 150 km². Em 1980, dois municípios tinham mais de 10 mil habitantes (Dr. Pedrinho era Distrito do município de Benedito Novo), com uma média de 11.988 habitantes/município, ao passo que em 1991 quatro tinham menos de 10 mil e um tinha mais de 20 mil habitantes (Timbó), com uma média de 10.640 habitantes/município. Se tomarmos o ano de 1991 como referência, três municípios tinham uma densidade demográfica inferior a 25 habitantes/km², enquanto um (Timbó) tinha uma densidade superior a 180 habitantes/km². Em função do desmembramento de Dr. Pedrinho do município de Benedito Novo, a variação

da população deste último foi negativa entre 1980 a 1991. O crescimento demográfico dos demais municípios foi insignificante no período, com exceção para Timbó, cuja população cresceu mais de 30%. Mas, como evoluiu a população urbana na sub-bacia do Rio Benedito?

Tabela 2: Dados sobre a pop. urbana da sub-bacia do Rio Benedito

Municípios	1980		1991			Crescimento da População Urbana
	Pop. Urbana	Pop. Rural	Pop. Urbana	Pop. Rural	% da Pop. Urbana	
Benedito	3.767	6.945	3.673	4.712	43,8	-2,5%
Novo						
Dr. Pedrinho	800	2.070	1.360	1.637	45,4	70,0%
Rio dos Cedros	1.884	6.584	2.504	6.138	29,0	32,9%
Rodeio	4.643	3.334	6.056	3.315	64,6	30,4%
Timbó	14.459	3.465	19.155	4.651	80,5	32,5%
Sub-bacia	25.553	22.398	32.748	20.453	61,6	28,2%

Fonte: IBGE (1982, 1991) & SANTA CATARINA (1994).

A tabela acima mostra que a população rural diminuiu em todos os municípios, exceto em Timbó, onde ela experimentou um crescimento de 34,2%. De modo geral, observa-se um decréscimo da população rural nos municípios da sub-bacia, passando a média de 4.479,6 para 4.090,6 habitantes/município. A população urbana, ao contrário, cresceu em todos os municípios - com exceção de Benedito Novo. Aí a média passou de 5.110,6 para 6.549,6 habitantes/município. É importante observar que, a despeito do crescimento considerável da população urbana nos municípios da sub-bacia do Rio Benedito, apenas Rodeio e Timbó apresentam um contingente da população no meio urbano superior a 50% no ano de 1991 - Rio dos Cedros, por exemplo, ainda tem uma população rural superior a 70%!

Os diversos trabalhos realizados sobre os problemas situados na fronteira entre a atividade produtiva e a exploração dos recursos naturais, na sub-bacia do Rio Benedito (BLANCO GOGIA 1992, BUTZKE 1991, BUTZKE & THEIS 1991, DRESSLER 1992, QUADROS 1991, RITSCHER 1991, THEIS et al. 1991, VIDOR & THEIS 1991), mostram que (a) os municípios que integram a região considerada, podem ser incluídos no bloco das cidades para as quais, genericamente, o "crescimento" permanece uma forte aspira-

ção e (b) a formulação de políticas públicas, voltadas para uma maior sustentabilidade social e ambiental, precisa incluir a preocupação com a “sustentabilidade da *economia local*”.

Observe-se, a propósito, que em quatro municípios da sub-bacia o setor secundário é dominante - Timbó, Rodeio, Rio dos Cedros e Benedito Novo. Destes, o segundo setor mais importante é o terciário nos casos de Timbó, Rodeio e Rio dos Cedros, e o primário no caso de Benedito Novo. No único caso em que a atividade primária prevalece (Dr. Pedrinho), o secundário aparece como segundo setor em importância.

Apesar do predomínio das atividades de transformação, o setor primário tem uma importância fundamental na economia dos cinco municípios da sub-bacia do Rio Benedito. Por exemplo, é necessário colocar em relevo que, por inexistirem dados fidedignos sobre a atividade florestal, poucas são as possibilidades de se dimensionar o seu peso relativo.

Neste caso, se reconhecemos a importância econômica do setor florestal na satisfação das necessidades humanas a partir da produção de bens e serviços, percebemos crescente preocupação com o papel que os recursos florestais desempenham na proteção do solo, abastecimento de água, estabilização do clima, regularização das bacias hidrográficas, proteção da fauna e lazer (SIQUEIRA 1990).

Embora restem apenas 20% da cobertura florestal original da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí, em muitos dos municípios da sub-bacia do Rio Benedito já não existem mais reservas naturais de florestas em virtude da exploração *predatória* ainda em curso. A madeira, o óleo de sassafrás, a lenha e o carvão vegetal são os principais produtos da exploração florestal - que, aliás, movem parte considerável da economia da região (SEVEGNANI 1990). Em Benedito Novo, Rio dos Cedros e Rodeio, por exemplo, a indústria da madeira ainda cumpre um certo papel - embora cada vez menor. Ademais, presume-se que, em virtude das implicações legais da exploração madeireira, parcela considerável da extração e do beneficiamento da madeira venha assumindo contornos de atividade invisível. As evidências, neste caso, derivam do conhecido transporte de lenha e carvão vegetal pelos municípios da região. Outra evidência é fornecida pela recepção de lenha, como matéria-prima energética, por indústrias do Vale do Itajaí (sobretudo Blumenau), e de carvão vegetal, por indústrias estabelecidas em Santa Catarina e até Minas Gerais (DRESSLER 1992, QUADROS 1991).

Políticas públicas municipais orientadas para a preservação do meio-ambiente

A questão ambiental desperta conflitos de diversos tipos. No Brasil, é conhecida a desconsideração das políticas governamentais (em particular, das políticas econômicas) pela preservação do meio ambiente. As estratégias brasileiras de modernização econômica se deram, predominantemente, “em bases industriais, sem obedecer a sólidas diretrizes de uso racional dos recursos naturais e de defesa da qualidade de vida” (COELHO et al. 1984:223). Com efeito, a degradação do meio-ambiente, patrocinada pelo modelo de desenvolvimento adotado, sempre foi um problema colocado num nível insignificante da escala de prioridades do país.

Ao contrário dos processos de urbanização e industrialização, que explicita ou implicitamente podem ser objeto de políticas públicas (por exemplo, mediante concessão de incentivos), a preservação do meio ambiente só recentemente tem desfrutado de alguma atenção por parte de autoridades dos diversos níveis de governo. A razão para isso parece se encontrar na seguinte contradição: de um lado está a crescente exigência de recursos naturais por parte do setor secundário, de outro uma redução do espaço natural em face da crescente urbanização.

Nos anos recentes ocorreram mudanças significativas nesse plano: a preocupação com o meio-ambiente foi conduzida à condição de questão crucial, tanto em nível das várias esferas de governo quanto em nível da sociedade civil. Reflexos de tais mudanças também podem ser identificados na crescente consciência das comunidades que vivem nos municípios da sub-bacia do Rio Benedito. Embora nestes ainda predominem políticas públicas respaldadas por paradigmas tradicionais, a população local parece ampliar a percepção da redução da cobertura vegetal, em decorrência da exploração florestal, e das variadas formas de poluição, resultantes da vida urbano-industrial (BUTZKE 1991, BUTZKE & THEIS 1991, THEIS et al. 1991, VIDOR & THEIS 1991).

Do ponto de vista dos governos municipais, Timbó criou uma *Assessoria Especial de Meio-Ambiente* e Rio dos Cedros formou uma *Comissão Municipal de Meio-Ambiente*. Todavia, é preciso dimensionar melhor o significado destes fatos em termos de políticas de preservação do meio-ambiente para a região. Mais: é necessário saber que papel ficou reservado (tanto na Assessoria Especial de Meio Ambiente quanto na Comissão Municipal de Meio Ambiente) para as comunidades locais na formulação e execução das atividades de ambas.

Dadas estas condições de partida, é fundamental - na análise das políticas públicas municipais orientadas para a preservação do meio ambiente - identificar as condições necessárias para a adoção de estratégias de desenvolvimento sustentável, i.é. estratégias que privilegiem tanto a busca de sustentabilidade social (voltada para resolver o problema das “necessidades”) quanto a busca de sustentabilidade ambiental (voltada para resolver o problema das “limitações”).

Políticas públicas municipais voltadas para um desenvolvimento social e ambientalmente sustentável da sub-bacia

Se considerarmos, de um lado, a realidade sócio-cultural, política, econômica e ambiental, e de outro, a aspiração da população dos municípios da sub-bacia do Rio Benedito por melhores condições materiais de vida, coloca-se a pergunta: que perspectivas se abrem para a adoção de políticas públicas orientadas para um desenvolvimento sustentável?

Tendo em vista que “as necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro do limite das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO-AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO 1988:47), o desafio consiste em identificar as condições mais adequadas para a adoção de estratégias alternativas de desenvolvimento, fundadas na sustentabilidade social (voltada para a resolução do problema das “necessidades”) e na sustentabilidade ambiental (voltada para a resolução do problema das “limitações”).

Tais estratégias são compatíveis com os princípios de descentralização, autogestão e autodeterminação da vida econômica. Considerando-se que o meio ambiente de cada região e sua oferta natural de recursos também condicionam o processo de acumulação, assume-se como necessário transitar dos padrões insustentáveis de produção, troca e consumo, hoje dominantes em nossos centros urbanos/industriais, para padrões social, econômica e ambientalmente sustentáveis de desenvolvimento, que privilegiem - através da participação das comunidades locais - a satisfação de necessidades básicas da população com eficiência econômica e prudência ecológica. Enfim, as estratégias aqui consideradas devem atentar para a advertência de Enrique Leff, de que

“para la implementación de políticas eficaces, es necesario partir de un conocimiento más concreto de la articulación de los procesos económicos actuales sobre la dinámica de los ecosistemas. Es necesario evaluar las condiciones institucionales, políticas, ideológicas y tecnológicas que determinam la conservación e regeneración de los recursos de una región, que afectan los estilos de ocupación del territorio, de apropiación y usufructo de los recursos naturales y de repartición de sus riquezas, así como el grado y las formas de participación comunitaria en la gestión social de sus atividades productivas” (LEFF 1986:81).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA Jr., J. M. G. (1994): “Desenvolvimento ecologicamente auto-sustentável: conceitos, princípios e implicações” In: *Humanidades*, 10(4), pp. 284-299.
- BAUTISTA VIDAL, J. W. (1988): “Civilização dos trópicos: uma resposta à barbárie” In: *Humanidades*, 5(16), pp. 6-12.
- BLANCO GOGIA, M. A. (1992): *Potencial tributário dos municípios da sub-bacia do Rio Benedito* (= Monografia de Especialização). Blumenau, FURB.
- BLUMENSCHIN, M. & THEIS, I. M. (1995): “Teoria da regulação e desenvolvimento sustentável: modelo de análise de estrangulamentos sócio-ambientais de processos de desenvolvimento em formações periféricas” In: *Geosul*, N. 19/20, pp. 24-50.
- BUTZKE, I. C. (1991): *Processo de urbanização dos municípios da sub-bacia hidrográfica do Rio Benedito* (= Relatório de Pesquisa). Blumenau, IPA/FURB.
- BUTZKE, I. C. & THEIS, I. M. (1991): “O processo de urbanização da sub-bacia hidrográfica do Rio Benedito” In: *Anais da 43. Reunião Anual da SBPC*. Rio de Janeiro.
- COELHO, M. C. N. et al. (1984): “A política ambiental e o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico” In: *Revista de Administração Pública*, 18 (4), pp.183-228.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (1988): *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro, FGV.

- CORDERO, A. (1992): "As enchentes do Vale do Itajaí têm solução?" In: *Dynamis*, 1(1), pp. 29-35.
- DRESSLER, C. J. (1992): *Perfil energético das indústrias localizadas nos municípios da sub-bacia hidrográfica do Rio Benedito* (= Monografia de Graduação em Economia). Blumenau, FURB.
- DRUMMOND, I. & MARSDEN, T. K. (1995): "Regulating sustainable development" In: *Global Environmental Change*, 5(1), pp. 51-63.
- FRANK, B. (1989): "Caracterização da bacia do Itajaí" In: *Anais do 2^o Encontro Nacional de Estudos sobre Meio Ambiente* (v. 2). Florianópolis, pp. 12-21.
- FRANK, B. (1992): "O tratamento do problema das enchentes na Bacia do Itajaí, Santa Catarina" In: *Dynamis*, 1(1), pp. 19-27.
- HIRSCH, F. (1979): *Limites sociais do crescimento*. Trad. W. Dutra. Rio de Janeiro, Zahar.
- IBGE (1982): *Censo demográfico de Santa Catarina* (vol. 1). Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- IBGE (1991): *Censo demográfico de Santa Catarina* (vol. 23). Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- LEFF, E. (1986): "Ambiente y articulación de ciencias" In: LEFF, E. (Org.): *Los problemas del conocimiento y la perspectiva ambiental del desarrollo*. México, UNAM/Siglo XXI, pp. 72-125.
- NOVAES PINTO, M. (1989): "Meio Ambiente e Interdisciplinaridade" In: *Humanidades*, 6(21), pp. 36-42.
- PROJETO CRISE (1987): *Diretrizes para um projeto de proteção ambiental para o Vale do Itajaí* (= Relatório de Pesquisa). Blumenau, IPA/FURB.
- PROJETO CRISE (s.d.): *Dados geoeconômicos dos municípios da bacia hidrográfica do Rio Itajaí* (= Relatório de Pesquisa). Blumenau, IPA/FURB.
- QUADROS, D. S. (1991): *Viabilidade do recurso energético biomassa no desenvolvimento da sub-bacia do Rio Benedito* (= Monografia de Especialização). Blumenau, FURB.
- REDCLIFT, M. (1989). *Sustainable development: exploring the contradictions*. London & New York, Routledge.
- RIBEIRO, G. L. (1992): "Ambientalismo e desenvolvimento sustentado: nova ideologia/utopia do desenvolvimento" In: *Meio ambiente, desenvolvimento e reprodução: visões da Eco 92* (= Textos de Pesquisa, N. 2). Rio de Janeiro, ISER, pp. 5-36.
- RITSCHER, M. (1991): *Plano de desenvolvimento rural da sub-bacia do Rio Benedito* (= Monografia de Graduação). Blumenau, FURB.

- SACHS, I. (1986): *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*. Trad. E. Araújo. São Paulo, Vértice.
- SANTA CATARINA (1994a): *Anuário estatístico do Estado de Santa Catarina: dados básicos*. Florianópolis, Secretaria de Estado do Planejamento e Fazenda.
- SANTA CATARINA (1994b): *Geoeconomia de Santa Catarina: dados básicos*. Florianópolis, Secretaria de Estado do Planejamento e Fazenda.
- SEVEGNANI, L. (1990): *Caracterização, histórico e fatores de degradação ambiental da bacia do Itajaí* (= Documento Interno do Projeto Itajaí). Blumenau, IPA/FURB.
- SILVA, D. J. & POMPEU, C. A. (1989): "Enfoque epistemológico, político e filosófico na leitura da questão ambiental" In: *Seminário Universidade e Meio Ambiente*. Brasília, IBAMA, pp. 109-121.
- SIQUEIRA, J. D. P. (1990): "A atividade florestal como um dos Instrumentos de desenvolvimento do Brasil" In: *Anais do 6. Congresso Florestal Brasileiro* (vol 1.). SBS/SBEF.
- THEIS, I. M. et al. (1991): "Desenvolvimento e meio ambiente na sub-bacia do Rio Benedito" In: *Anais do 3. Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente* (vol. 1), pp. 189-202.
- VIDOR, V. & THEIS, I. M. (1991): "Industrialização, urbanização e degradação do meio ambiente: o caso do Vale do Itajaí" In: *Revista de Divulgação Cultural*, N. 45, pp. 99-102.

**Verbetes
para a
História
Catarinense**

**- Político da
Equipe do
Apóstolo
São Paulo
- Um Bertoli
de raiz
blumenauense**

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ**



Político da Equipe do Apóstolo São Paulo

Pensar que Marcos Henrique Buechler por ter falecido desapareceu, é pretender eliminá-lo da História Política Catarinense, onde está imortalizado. Quem entra para a História dela não sai. Admitindo-se que a vida de um político tem a abrangência comunitária entrelaçada com outras vidas, é impossível extraí-lo do contexto da própria história. Ele está com identidade individualizadora, que positiva e modelar o faz presente, quando assim o queremos. Seja, por exemplo: o vereador municipal (1883-1887) latifundiário José Henrique Flores Filho; ou o conselheiro Municipal Bel. Victor Konder (em janeiro/1919 e janeiro/1923); ou o conselheiro municipal (janeiro/1927 e janeiro/1930) Pedro Christiano Feddersen. Estes como representativos de tantos esforçados partícipes no progresso regional, estão de corpo inteiro, no papel que desenvolveram: o teatro, no qual foram atores, não é proibido vê-los nos atos.

Quando o político tem a qualidade Marcos Buechler ela na eternidade é uma Saudade; uma Referência; um Modelo. Então a Morte é episódica, biológica ou o natural acontecimento consequencial: Quem um dia nasceu, um dia morrerá. Se nasceu em 1940 na Ilha de Santa Catarina, faleceu como abeirado do rio Itajaí em Blumenau em 1997.

Este ilhéu ensolarado que o Apóstolo São Paulo admitiu radicar-se em Blumenau, foi o segundo como Vice-governador quando o primeiro foi o governador Antônio Carlos Konder Reis. Tes-

*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

temunhamos por vermos e participarmos: aquele governo foi de austeridade, trabalho, responsabilidade. Não era raro o governador encerrar o expediente quando a madrugada estava avizinhada.

Informa a História Política na qual ficou: a criatura Marcos Buechler fez uso de personalidade cristã, sensibilidade liberal, e tudo regido por natureza fraternal contagiadora. O exercício do seu politicar foi centrado na lealdade do Partido e na comunicabilidade aos correligionários, na bitola de não criar antipatia nem fazer agressão ao adversário político. E o trato ao adversário político ficou limitado no politicamente e jamais numa inimizade de ferro e fogo. Marcos Buechler fez política sem cultivar ódio e evitando ser odiado.

Amigo do trabalho e do uso permanente do bom senso, orientou-se e orientou pelo princípio de respeitar o semelhante e praticar o zelo e a defesa do patrimônio físico, cultural e espiritual.

E exatamente, por ser dono de tantas virtudes pessoais foi participante, na iniciativa privada com destaque; e em órgãos coordenadores e administradores de bens e iniciativas culturais situou-se como necessário. Aí porque encontramos-lo: (1) na Fundação Cultural de Blumenau; (2) na Sociedade dos Amigos do Batalhão (Entidade que tem a sede no 23º B.I. - Batalhão Jacinto Machado Bittercourt). E vivia dinamizando a presidência da mesma quando viajou para atender a transferência determinada pelo Apóstolo São Paulo necessitando dos seus serviços.

Entende-se que a transferência chegou mais cedo e o surpreendeu: estava compromissado em ouvir a palestra do Comandante do 3º Batalhão de Bombeiros Militar (Blumenau, SC), no dia 16/10/97. Ele em pessoa combinara com o Ten. Cel. PM Aristides Paterno e convocara o quadro associado no dia 06.10.97. E todo procedimento aplicado estava no feixe das preocupações prioritárias com sua pequena pátria adotiva, que entendia ser a capital metropolitana regional: Blumenau. E ele não foi visto em pessoa porém, espiritualmente, foi pressentido. - Está na história política relacionado entre os úteis conseqüentes.

Um Bertoli de Raiz Blumenauense

Fomos convidados pelo Diário Catarinense (Ilha de Santa Catarina, Edição de domingo, 25 de janeiro do ano corrente), para a "Missa de 30º

Dia”, rezada tencionalmente, no favorecimento de 1927, quando a área geográfica de Rio do Sul era a continuidade de Blumenau, SC. - Estudou no Colégio Franciscano Santo Antônio; bacharelou-se nos estudos realizados na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E em Porto Alegre desenvolveu atividade acadêmica destacada.

Estava com 24 anos quando iniciou a carreira política como vereador em Rio do Sul (1951-1955). O período compreendido entre 1955 e 1970 o consumiu como deputado estadual envolvido com a sociedade catarina, exclusivamente; e deputado federal na abrangência de todos os assuntos nacionais. Ser assim no ofício de politicar foi vocação genética e herança social. Daí também a sensibilidade para o jornalismo municipal como meio para a necessária comunicação comunitária. No governo de Colombo Sales (1971-1975) é encontrado na Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, e é nesta comissão da administração pública que tem responsabilidades com todos os negócios e fazeres da área de Cultura. Do muito como tempo aplicado e interesses por objetivos alcançados, dois aparecem salientados: (1) o início da construção do edifício onde está hoje funcionando a Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina; (2) dar ao Conselho Estadual de Cultura sede própria, os móveis necessários e o funcionamento regular com corpo de conselheiros estimulados. A idéia de revitalizar a memória do político Hercílio Luz (1860-1924), foi ele quem a teve e encaminhou para a realização como concurso literário aberto; dele partiu a iniciativa para convites aos escritores: poeta Carlos Nejar e romancista Nélida Piñon para encontros com a intelectualidade catarina. E foi também quem recomendou ao conselho Estadual de Cultura compor tripé com Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e mais a Academia Catarinense de Letras para a homenagem que foi prestada ao historiógrafo José Ferreira da Silva (Em Blumenau-cidade). E a homenagem imaginada por ele foi fundida na “Sessão da Saudade” que a referida academia realizou em agosto/1974 colocando placa de bronze no Horto Florestal “Edith Gaertner”. Tudo com a presença do governador municipal dos blumenauenses Felix Christiano Theiss. Ainda informa o registro: por parte de Blumenau foram oradores: Edison Mueller e Elimar Baumgarten.

O Orlando Bertoli aqui focalizado com outros na História Política dos Catarinas: onde aparece o deputado estadual João Bertoli nascido em Rodeio, SC, 17/9/1909, e também o ex-deputado estadual Moacir Bertoli, atualmente, conselheiro do Tribunal de Contas. Quando deputado presidiu a

Assembléia Legislativa e foi destaque nos trabalhos do Palácio Barriga-Verde: vezes substituiu o vice-governador do estado Henrique Helion Velho de Córdova, como se prova vê-lo em alguns dias de maio de 1980 governando Santa Catarina.

Os Bertoli da mesma árvore genealógica onde é brotação esse Orlando que está em três Histórias: a da imigração povoadora de nascentes que fazem o grande velho rio colonizador Itajaí-açu; (2) a da Política; (3) a da Inteligência; aparecem relacionados entre os correligionários do governador Hercílio Luz (1860 - 1924) corajosamente, interessados em operariar o desbravamento do vale do rio Taió.

Se antes deles o germano da Pomerânia engenheiro Emil Odebrecht disse e dizendo marcou ser lugar adequando para cidade, foi um ou foram muitos onde estava um Bertoli, que enraizaram a força da vontade colonizadora. E a dinamicidade do ex-engenheiro de Terras, Hercílio Luz, apalpou com o pensamento e viu o Bertoli, de Taió; portando bandeira progressista e na qualidade aquilatada como blumenauense.

Orlando Bertoli viveu o seu tempo construindo amizades e oferecendo presença elegante sempre ativado em comunicabilidade inimitável. E, assim sendo, assim ficou na moldura da memória de corpo inteiro com algo dos ancestrais da velha e culta Itália, e tudo mais da gente dos vales de todos os Itajaís, onde a brasilidade catarina é exótica como as orquídeas e sedutora como os postais da paisagem.

Bibliografia de apoio:

Walter F. Piazza, Dicionário Político Catarinense; Convivência com o político Marcos Henrique Buechler; explicação da metáfora literária se tem em ser o Apóstolo São Paulo Padroeiro de Blumenau. Quem queira saber sobre este detalhe leia José Ferreira da Silva in Suplemento de "Blumenau em Cadernos", Tomo XIV - julho, 1973, nº 7. Convivência funcional na Secretaria de Estado dos Negócios do Governo com Orlando Bertoli.

Autores Catarinenses

Três Livros

Texto:

*ENÉAS
ATHANÁZIO**



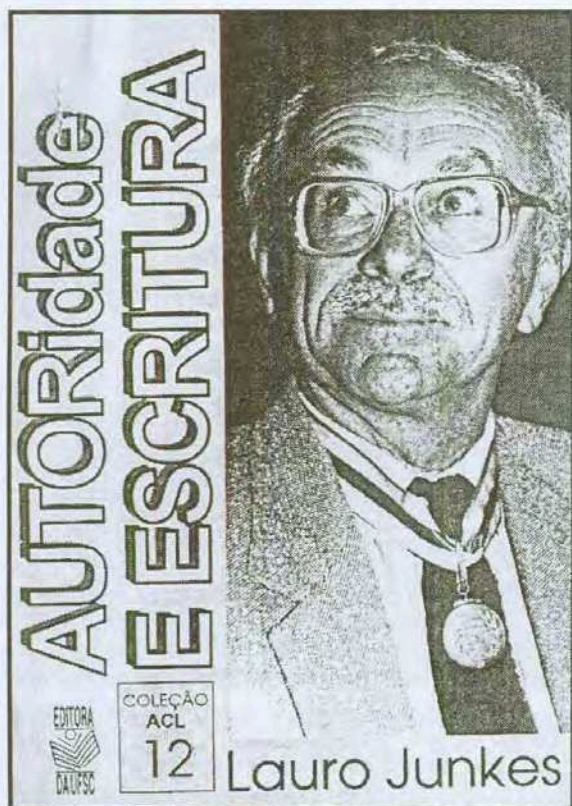
Foi um exercício de persistência e concentração a leitura de “AUTORidade e ESCRITURA”, o mais recente livro de Lauro Junkes (Coleção ACL/Editora da UFSC - Florianópolis - 1997). Li estudando esse ensaio denso e sério em que o autor esquadrinha os mistérios dessa figura tão pouco estudada nas nossas letras - o autor.

Com base em vastíssima bibliografia, em sua maior parte estrangeira, o ensaísta investiga o autor sem piedade, focalizando-o em todas as suas faces, encarando-o como autor/escritor real, no uso de sua autoridade, sua situação em face da crítica, a controvertida intenção do autor, o autor implícito, o auto segundo Bakhtin e, por fim a morte do autor.

Todos esses aspectos são estudados à luz das doutrinas, teorias e correntes existentes, firmando-se na opinião dos mais renomados teóricos que se debruçaram sobre elas e sempre com a intervenção segura e didática do ensaísta nos momentos necessários. Para uns, a biografia do autor é indispensável, para outros ela pouco importa porque o essencial é o escrito. Há os que enfatizam o aspecto sociológico, outros a intenção do autor e ainda existem os que desejam a eliminação do autor.

Os temas enfocados são sempre interessantes, embora alguns deles se destaquem pela curiosidade. Entre estes, lembro a crítica genética, procurando desvendar os mistérios da criação literária através dos manuscritos (enquanto eles ainda existem, nesta era cibernética). Também a configuração dos personagens e a fuga deles ao domínio do autor, como se lê com frequência em

*) Escritor e advogado.



depoimentos. As relações entre autor e crítica, entre o autor e o povo, entre o autor e o leitor são alguns dos outros pontos abordados. Capítulo dos mais interessantes é o que estuda o autor implícito, o alter ego, o second self. Como se vê, é um livro repleto de temas atraentes, indagações e sugestões de um ensaísta que vive com intensidade o fenômeno literário e há longos anos. É obra para ler e pensar.

Lamento apenas que não tenha sido publicado por uma grande editora, incluindo-o de pronto entre as grandes obras de Teoria Literária que circulam nos meios universitários

de todo o país. Espero que os resenhistas o examinem com atenção e não o lancem na vala comum, ao lado de publicações inexpressivas.

Marcelina M. Moraschel, catarinense radicada em São Paulo, acaba de publicar seu segundo romance. Trata-se de “Exercício de Solidão” (Master Book Editora - São Paulo - 1998), com o qual ela prossegue na carreira de romancista iniciada com “Anima Mea”, o livro que obteve a acolhida dos leitores e da crítica.

Escrito com admirável correção, em estilo leve e elegante, o romance mistura movimento e introspeção, revelando uma escritora criativa e que domina a técnica de lidar com as palavras. Seu texto é límpido e lançado na medida, sem floreios desnecessários ou securas esquemáticas, que o leitor absorve com o prazer da boa leitura.

O romance enfrenta questões da maior gravidade no mundo de hoje, diluídas na ficção, a exemplo da eutanásia, do homicídio aparente-

mente imotivado, da solidão angustiada do personagem central a seu desequilíbrio mental. Tudo se envolve numa narrativa fluente em que o leitor participa dessa experiência dolorosa que é a solidão.

Como afirmou com razão o crítico Márcio A. Martins, “será difícil que o leitor sensível não se veja empolgado, envolvido, angustiado com as situações insólitas vividas por Igor (o personagem) e com sua peculiar maneira de ver o mundo”. Vale repetir as palavras de José Afrânio Moreira Duarte, quando diz: “Ela escreve com correção, categoria e classe, sem prejuízos da comunicação, sempre fácil e espontânea”.

Depois de muitos anos dedicado à advocacia, Túlio Gondin decidiu reunir em volume sua produção poética. “Versos ... uma opção espiritual”, publicado em 1997, é uma coletânea de seus melhores poemas, escritos no correr dos anos e inspirados quase sempre nos acontecimentos da vida do poeta. Para registrar o livro e saudar o poeta, transcrevo aqui um dos poemas.

Último Canto

Era uma noite horripilante e fria
E nesse frio se concentrava a dor
De uma tristeza que no peito cria
Que sufocava a fala do autor.

Emudecido o som na invernã
Que outrora fora do velho o calor,
Só solidão em terra e nada havia
Que desse paz ao ente a vida à flor.

Sempre ao falar rogava à natureza
Que o homem desse toda essa beleza
Que o envolveu em toda a sua vida.

Mas foi no ato uma emoção perdida,
Pois natural na hora o desencanto,
Morrendo a voz e o derradeiro canto!

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=12 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

✂-----✂-----✂-----

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1998 (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

✂
Forma de pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque
Banco:
- Número:
- Valor: R\$
- Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

✂

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aíga Barreto Mueller Hering
Alfred Luiz Baumgarten
Altamiro Jaime Buerger
Annemarie Fouquet Schünke
Antonio Roberto do Nascimento
Ariano Buerger
Armando Luiz Medeiros
Benjamim Margarida (*in memoriam*)
Genésio Deschamps
Mark Deeke
Nelson Vieira Pamplona
Victória Sievert
Willy Sievert (*in memoriam*)
BTV - Blumenau TV a Cabo - TV Galega
Buschle & Lepper S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Gráfica 43 S/A Ind. Com.
Herwig Schimizu Arquitetos Associados
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Lindner Arquitetura e Design
Madeireira Odebrecht
Transformadores Mega Ltda.
Unimed Blumenau

BLUMENAU
em Cadernos

TOMO XXXIX
Março de 1998 - N.º 03



A exploração da imagem iconográfica como fonte de pesquisa por historiadores, cientistas sociais, jornalistas, antropólogos, e outros interessados, vem ao encontro dos objetivos de dinamização e divulgação do acervo fotográfico pertencente ao Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”, que compõe-se de 40.000 imagens à sua disposição.

